

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO**

**PÉ NA SALSA E KNAFE NA BOCA: PERFIS NO
ESTILO JORNALISMO LITERÁRIO DE DOIS
IMIGRANTES REFUGIADOS RESIDENTES EM
SANTA MARIA, RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO EXPERIMENTAL

Cibele Cristine Zardo

Santa Maria, RS, Brasil

2015

**PÉ NA SALSA E KNAFE NA BOCA: PERFIS NO ESTILO JORNALISMO
LITERÁRIO DE DOIS IMIGRANTES REFUGIADOS RESIDENTES EM SANTA
MARIA, RIO GRANDE DO SUL**

Cibele Cristine Zardo

Projeto Experimental apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Paulo Roberto Araújo

Co-orientador: Bibiano Da Silva Girard

Santa Maria, RS, Brasil

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Projeto Experimental
PÉ NA SALSA E KNAFE NA BOCA: PERFIS NO ESTILO JORNALISMO
LITERÁRIO DE DOIS IMIGRANTES REFUGIADOS RESIDENTES EM SANTA
MARIA, RIO GRANDE DO SUL

Elaborado por

Cibele Cristine Zardo

Como requisito parcial para a obtenção do grau de **Bacharel em Jornalismo**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Paulo Roberto Araújo (UFSM)

(Presidente/Orientador)

Olívia Scarpin Bressan (PUC-RS)

Marlon Santa Maria Dias (UFSM)

Santa Maria, 15 de dezembro de 2015

AGRADECIMENTOS

Durante esta desafiante e gratificante caminhada que foi a graduação em Jornalismo, vários obstáculos surgiram no meu caminho fazendo com que eu acreditasse que não seria capaz de superá-los e de conseguir chegar até aqui. Mas graças ao apoio infinito que recebi da minha família nos momentos delicados, de medo e incertezas, diante dos desafios, das situações que me deixavam sem dormir e me faziam desacreditar na vida, foi graças a vocês, pai, mãe e mano, que eu não desisti.

Agradeço por todas as palavras de conforto, de orientação, de motivação e de firmeza. Vocês me fizeram ver que, na vida, nada é impossível quando a gente acredita, vai em busca e dá o melhor de si. Que não existe crescimento pessoal e conquistas sem quedas, sem sofrimento, sem lágrimas. Com toda a certeza, os esforços de vocês para eu trilhar o caminho certo foi o que me manteve em pé e possibilitou a realização deste trabalho.

Gostaria de agradecer também, ao meu querido e amigo, Professor Paulo Roberto Araújo de Oliveira, que foi como um avô para mim durante esse período de aprendizado. Muito obrigada por todos os ensinamentos, pela paciência e pela abertura de diálogo que deu origem a uma amizade que eu guardarei com enorme carinho. Quero agradecer do fundo do coração, ao meu co-orientador, Bibiano Da Silva Girard, que se dispôs de livre e espontânea vontade a contribuir na elaboração do meu projeto experimental.

Por fim, e não menos importante, agradeço aos meus amigos pelo apoio e pelas trocas de ideias que geraram frutos positivos. Muito obrigada, minha irmã de coração, Francieli Jordão Fantoni, pela cumplicidade, por me ajudar e estar de braços abertos sempre que precisei, e pela verdadeira amizade, que é essencial na minha vida. Agradeço também a minha amiga amada, Diossana Da Costa, por ter sido mais que uma colega, alguém com quem eu aprendi a ser uma profissional melhor, com quem eu dividi momentos alegres, de dificuldades e que fez os meus dias mais felizes no curso de Jornalismo.

EPÍGRAFE

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível.”

(Charles Chaplin)

“Somos o que fazemos, mas somos, principalmente, o que fazemos para mudar o que somos”.

(Eduardo Galeano)

Certas coisas podem ter me feito sofrer, mas elas simplesmente precisavam acontecer para me fazer crescer...

“Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena

Acreditar no sonho que se tem

Ou que seus planos nunca vão dar certo

Ou que você nunca vai ser alguém

Tem gente que machuca os outros

Tem gente que não sabe amar

Mas eu sei que um dia a gente aprende

Se você quiser alguém em quem confiar

Confie em si mesmo

Quem acredita sempre alcança!”

(Mais Uma Vez – Legião Urbana)

RESUMO

Este projeto experimental busca contar a história de vida de dois imigrantes refugiados, uma colombiana e um palestino que vivem, atualmente, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. A fim de relatar as singularidades de cada indivíduo de um modo humanizado, distinto daquele encontrado na mídia convencional, optou-se pelo estilo de texto do Jornalismo Literário. Por isso, foram escritos dois perfis entendidos aqui como biografias de curta duração, os quais contêm os elementos fundamentais do estilo Literário: a descrição, a construção do texto cena a cena, a troca de foco narrativo e a presença de diálogos. A metodologia utilizada para a realização do trabalho foi a História Oral, por meio de entrevistas-diálogo.

Palavras-chave: Jornalismo Literário; Perfil; Biografia de Curta Duração; Imigrantes refugiados; Santa Maria.

ABSTRACT

This experimental project aims to tell the life story of two refugee immigrants, a Colombian and a Palestinian living currently in Santa Maria, Rio Grande do Sul. In order to describe the uniqueness of each individual in a humanized way, distinct from found in conventional media, was opted for the text style of literary journalism. So it was written two profiles, defined here as short biographies, containing the key elements of the literary style: the description, the construction of the text scene by scene, the exchange of narrative focus and the presence of dialogues. The methodology used to carry out the work were the oral history interviews.

Key words: Literary Journalism; Profile; Biography Short Term; Refugee immigrants; Santa Maria.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. JORNALISMO LITERÁRIO	11
1.1 As relações entre Jornalismo e Literatura	11
1.2 Uma explanação sobre o conceito de Jornalismo Literário e sobre o Novo Jornalismo	15
2. A REPORTAGEM	21
3. O PERFIL	26
4. PRODUTO EXPERIMENTAL	32
4.1 Um pé na Salsa, o outro na estrada e as mãos nos cabelos: a cabeleleira à procura da paz	32
4.2 Do arrame farpado ao labirinto de roupas	59
5. ANÁLISE DO PROJETO EXPERIMENTAL	82
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a contar a história de vida de dois imigrantes refugiados de países ameaçados por conflitos político-armados, que, atualmente, residem em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Cada personagem teve a sua história contada em formato de biografia de curta duração, que busca trazer ao leitor os momentos definitivos da vida de ambos, além de seus aspectos singulares, como a cultura, os hábitos e as experiências vividas.

As duas reportagens foram escritas no estilo Jornalismo Literário, conforme as características definidas pelo autor Edvaldo Pereira Lima: a descrição, a construção do texto cena a cena, a troca de foco narrativo e a existência de diálogos (LIMA, 2009). Optou-se por construir dois perfis literários, também nomeados de biografias de curta duração, pois, dessa forma, seria possível criar um texto mais envolvente, humanizar os relatos e tentar aproximar o leitor das situações protagonizadas pelo imigrante palestino Abdel Rahman Abu Hwas e pela imigrante colombiana Rocio Oviedo Franco.

Portanto, os textos se diferem do estilo encontrado no jornalismo diário, e busca se trazer à superfície as peculiaridades desses indivíduos, que, na mídia tradicional, são retratados como uma massa homogênea de homens e mulheres que invadem os outros países.

Para a construção dos perfis biográficos, utilizou-se a metodologia de História Oral, baseada no conceito do autor José Carlos Sebe Bom Meihy (2005). Segundo ele, a base deste método são as entrevistas, as quais devem despertar no entrevistado a recordação de lembranças, os comentários, a memória de fatos e as impressões sobre acontecimentos (MEIHY, 2005). Dessa forma, os fatos contados nas reportagens deste trabalho são fruto de memórias dos dois personagens, relatados em entrevistas diálogo. Os acontecimentos possuem base na realidade vivida pelos personagens, por isso, o que se buscou fazer foi criar um modo mais humanizado de se contar a história de vida deles.

O trabalho pretende mostrar como é possível contar histórias de vida de imigrantes refugiados, que passaram por situações de risco e de precariedade, através do jornalismo literário. Apresentar um jeito novo e distinto de tratar esses personagens, normalmente à margem da sociedade, salientando que também são capazes de se sobressaírem e de conquistarem o seu espaço no mundo.

Para a realização do Projeto Experimental foi necessário se basear num aporte teórico do Jornalismo Literário que adentra na história do estilo, abrange conceitos como o de *New Journalism*, engloba desde o tipo de entrevista mais adequado até chegar nos aspectos imprescindíveis do estilo literário. Por isso, paralelo à criação das reportagens dos imigrantes foram escritos três capítulos sobre os principais elementos que norteiam este trabalho: as relações entre Jornalismo e Literatura, a origem do Jornalismo Literário e o conceito de *New Journalism*, a reportagem e o perfil.

No primeiro momento, é feito um resgate histórico de como surgiu o Jornalismo Literário no Brasil e em outras partes do mundo, a exemplo dos Estados Unidos. Nesse sentido, são apresentados os pioneiros em cada um desses países, quais foram os acontecimentos que marcaram o seu início e de que forma o estilo se consolidou. Em seguida, o mesmo ocorre com o conceito de reportagem, no segundo capítulo. Aponta-se para os fatores que contribuíram com o seu surgimento, bem como o destaque no papel do repórter e os veículos de comunicação que aderiram com maior ênfase a esse formato de texto.

Por fim, mostra-se as várias nomenclaturas para designar o perfil que, aqui, é entendido como biografia de curta duração. Explica-se o diferencial desse formato de texto jornalístico, as suas principais características que são capazes de gerar empatias nos leitores.

2. JORNALISMO LITERÁRIO

2.1 As Relações entre Jornalismo e Literatura

No século XIX, a imprensa jornalística passava por transformações advindas do positivismo que imperava no Brasil e no mundo. Da mesma forma, a Literatura vivia um momento de transição, com a ascensão do Naturalismo. O papel do repórter teve uma significativa mudança nessa época, a partir da cobertura da Guerra de Canudos feita por Euclides da Cunha, que deu vida à obra *Os Sertões*.

Na ocasião, Euclides era correspondente do jornal *O Estado de São Paulo*, e relatou minuciosamente cada detalhe da Guerra que assolou o Nordeste. Realizou uma narrativa exemplar para a geração de jornalistas que estava por vir. Desde então, teve início a necessidade da presença do repórter no palco das atenções dos acontecimentos, dando voz para aqueles que convivem lado a lado com os fatos (BULHÕES, 2007). Para o escritor francês, considerado o criador da escola literária naturalista, Émile Zola, escrever um romance literário deve consistir numa atividade dinâmica, como

[...] sair às ruas de uma cidade, visitar os locais em locais em que se darão os episódios da narrativa, palmilhar os espaços que serão descritos, contemplar os rostos de homens e mulheres a serem transpostos para a ficção, sentir os cheiros dos ambientes (BULHÕES, 2007, p. 68)

Desse modo, percebe-se uma ligação entre o pensamento de Zola, com relação à postura que o repórter passaria a ter a partir do século XIX. O ponto de vista do escritor remete, claramente, às funções do jornalista que sai a campo, que necessita tomar notas, utilizar-se de documentos, conversar com as pessoas conhecedoras do assunto, observar o seu redor, entre outras (BULHÕES, 2007).

A influência exercida pelo Realismo social e pelo Naturalismo nessa época, refletiu na prática da reportagem realizada pelos jornalistas. Através desses dois movimentos literários, que primaram pela observação dos quadros sociais, ao invés de fazer uso da imaginação, foi possível proporcionar ao Jornalismo um novo repertório na disposição dos interesses narrativos. Ou seja, assim, o olhar do repórter passou a captar não só os acontecimentos em si, mas cada detalhe que o compõe: imagens, objetos, personagens, sensações, cheiros e transmiti-los ao leitor (BULHÕES, 2007).

Conforme Marcelo Bulhões, o legado do criador do Naturalismo, Émile Zola, é reconhecido no século XX, através da prática da grande reportagem e do romance-reportagem, sobretudo, com as realizações da vertente do *New Journalism*. Para o autor, um ponto essencial da confluência de gêneros do jornalismo e da literatura é a narratividade. O ato de produzir textos narrativos, que contam uma sequência de eventos que se sucedem no tempo, é algo que inclui tanto a vivência literária quanto a jornalística (BULHÕES, 2007).

Já para o escritor Alceu Amoroso Lima, o Jornalismo estaria incluído no item “literatura em prosa de apreciação de acontecimentos”. Em outras palavras, o jornalismo é entendido para ele, como um gênero literário. Nesse sentido, enfatiza a importância do caráter social do jornalismo, e acredita que a beleza do jornalismo ultrapassa a beleza estética, na medida em que se vincula à função e finalidade para-estética. Seriam elas, as funções: social, política, moral, coletiva, civilizadora, que constituem parte da sua característica como gênero literário (LIMA, 1990).

Segundo o autor, jornalismo só é literatura enquanto empregar a expressão verbal com ênfase nos meios de expressão. Pouco importa, como vemos, que tenha outra finalidade em mente. O ponto em comum entre as duas áreas é a utilização do meio de expressão, a palavra, não apenas como meio, mas como fim. Lima salienta, ainda, que Literatura é sempre estilo, ou seja, modo verbal (LIMA, 1990).

Além disso, para Alceu Amoroso Lima, o jornalismo como gênero literário deve antes de tudo ser uma arte. Isto é, uma atividade livre do nosso espírito no sentido de fazer bem alguma obra,

Essa obra, para ser arte estética; e não apenas arte mecânica ou liberal, deve fazer do seu modo de expressão o seu fim, ao menos relativo ou fins quo, como dizem os filósofos. O jornalismo é uma arte da palavra, em que esta possui um valor próprio. O modo de dizer é um elemento capital para que o jornalismo, como qualquer outro emprego da palavra, seja ou não uma arte. Quando a utilização da palavra, em um jornal, tem apenas um fim pragmático não é jornalismo” (LIMA, 1990, p. 56).

Desse modo, voltando ao jornalismo do século XIX, pode-se dizer que ele se deixa envolver pelos aspectos materialistas e cientificistas que aderem as crenças da literatura realista-naturalista. Incorpora, portanto, a necessidade de apreensão do factual ao passo que se torna cada vez mais uma fonte de amostra do real ao registrar fatos da contemporaneidade (BULHÕES, 2007).

Em 1905, Lima Barreto, aos 24 anos, quando trabalhava no jornal Correio da Manhã, escreveu uma série de reportagens sobre escavações realizadas pela

prefeitura do Rio de Janeiro no Morro do Castelo, um ponto inicial da cidade. A obra “O Subterrâneo do Morro do Castelo”, possui os aspectos da observação profunda para a realização de uma escrita com base na análise social, e escrita com linguagem despojada. Por isso, seus textos apresentam uma ênfase jornalística (BULHÕES, 2007).

Teve início ali, uma significativa mudança no texto jornalístico, pois agora, os recursos utilizados não eram mais apenas aqueles que conferiam credibilidade, mas sim, elementos de ficção. Dessa maneira, o escritor criou uma transição do universo jornalístico para o do romance. Assim, o aspecto noticioso tornou possível o acesso ao puramente ficcional. Ambos se valorizam reciprocamente, convergindo para intensificar o interesse do leitor do Correio da Manhã (BULHÕES, 2007).

Sendo assim, como afirma Edvaldo Pereira Lima, na obra Páginas Ampliadas, à medida que o texto jornalístico evolui da notícia para a reportagem, passa a existir uma necessidade de aperfeiçoamento das técnicas no modo de escrever a mensagem. Nessa etapa, para o autor, “o jornalismo absorve assim elementos do fazer literário mas, camaleão, transforma-os, dá-lhes aproveitamento direcionado a outro fim” (LIMA, 2009, p. 177-78).

Além de Euclides da Cunha e Lima Barreto, outro jornalista expoente do Jornalismo Literário na mesma época, no Brasil, foi João do Rio. Desempenhando papel semelhante ao de Euclides da Cunha, no sertão nordestino, João do Rio é considerado por Edvaldo Pereira Lima, como o descobridor de horizontes possíveis da reportagem de campo no espaço urbano.

Para o Professor de Jornalismo Literário da USP, a contribuição de João do Rio não seria grande quanto ao tratamento estilístico, que é considerado por ele, insuficiente para marcar uma forma jornalística. Mas o grande marco do jornalista estaria no pioneirismo da observação detalhada da realidade, pela coleta de informações por meio de entrevistas com as fontes, como também, pela descrição sugestiva de ambientes e pelo ritmo narrativo. Estaria ali presente a raiz de alguns elementos que mais tarde iriam constituir as bases do jornalismo interpretativo, entre elas, a contextualização, a busca de antecedentes e a humanização do relato (LIMA, 2009).

Marcelo Bulhões tem uma visão semelhante a de Edvaldo, pois, acredita que, a obra de João do Rio, passado um século aproximadamente, representa uma das maiores realizações de textualidade do jornalismo brasileiro em todos os tempos.

Também a enxerga como uma das mais importantes criações estéticas que induziu à conexão entre jornal e letras no Brasil (BULHÕES, 2007).

Para Bulhões, há nos textos de João do Rio publicados nos jornais A Gazeta de Notícias e O País, o comportamento do jornalista como *flâneur*. A expressão primada pelo autor se refere a

[...] um passeante ocioso, um andarilho que caminha a esmo. De fato, no caso de João do Rio o flâneur estará mesmo investido dos atributos do ofício jornalístico, pois ele sai às ruas e aguça o olhar direcionado para o efêmero da vida mundana, registrando o circunstancial, captando tipos sociais e o ritmo veloz da mudança de tempos (BULHÕES, 2007, p. 106).

Por outro lado, em nível mundial, um dos primeiros exemplos de simbiose entre literatura e jornalismo de que se tem notícia é a obra do novelista e jornalista Daniel Defoe. Em 1722, o escritor publicou a primeira reportagem novelada conhecida, chamada “Diário do ano da peste”, uma minuciosa reconstrução da epidemia de Peste Bubônica que assolou Londres em 1665 (CHILLÓN, 1999).

Na obra, Defoe narra e descreve, mostra e interpreta os acontecimentos, ao mesmo tempo em que mostra a história da Peste desde o seu início até o seu ponto máximo. Introduce no texto, diálogo teatrais, descrições de lugares e de ambientes e retrata personagens. Consegue se utilizar de todos esses elementos narrativos, sem fazer com que a reportagem perca a veracidade por causa da fabulação. Ao contrário, respeita os acontecimentos cuidadosamente, e a narração novelada aumenta a compreensão e o interesse do leitor (CHILLÓN, 1999).

Conforme o escritor e docente da Universidade de Buenos Aires, Albert Chillón, a novela do século XIX não descobriu o realismo, que é tão antigo provavelmente como a arte literária. Mas, todavia, concedeu-lhe uma dimensão inédita:

[...] no se trataba ya de un realismo superficial o parcial, limitado a la descripción cómica de los médios sociales bajos, sino de un realismo problemático, cada vez más consciente de la complejidad de las transformaciones sociales de la época” (CHILLÓN, 1999, p. 93-94).

Durante as primeiras décadas do século seguinte, a crônica e a reportagem, de um lado, e o relato literário, de outro, estabeleceram uma relação intensa. Prova disso são as obras publicadas de diversos escritores realistas norte-americanos ligados à ficção e ao jornalismo, simultaneamente. Entre eles, destaca-se o escritor Ernest Hemingway (CHILLÓN, 1999).

Com opinião convergente aquela de Chillón, Edvaldo Pereira Lima também reconhece a influência de Hemingway para os jornalistas que viriam depois dele.

Segundo Lima, entre os escritores americanos que praticaram o realismo social, “Hemingway, do alto de sua fama olimpiana, jamais negou que tenha sofrido a influência estilística do jornalismo, que marcaria sua produção literária” (LIMA, 2009, p. 187).

Ernest Hemingway é considerado um exemplo de jornalista que sabe igualar a relevância da captação do real à qualidade narrativa, com preocupação em aperfeiçoar o seu poder de expressão através da escrita. E foi exatamente essa ânsia de querer descrever o que acontecia naquela época, de forma mais realista e aproximando-se do leitor, com uma linguagem mais humanizada, que se trilhou o caminho para o *New Journalism* (LIMA, 2009).

2.2 Uma explicação sobre o conceito de Jornalismo Literário e sobre o Novo Jornalismo

Um estilo diferenciado do que se costuma ver nos jornais diários, uma maneira de escrever que busca a criatividade do texto. No Jornalismo Literário, para o autor Edvaldo Pereira Lima, a linha condutora no texto chama-se contar história (LIMA, 2014). Por isso, é caracterizado pela narração, pela construção de cenas de um lugar, fato ou pessoa, que consiste em descrever cada detalhe visto pelo escritor.

Nesse sentido, conforme o Professor da USP, trata-se de um estilo jornalístico que busca se aproximar do leitor:

O propósito, os elementos que o compõem, os objetivos que se quer alcançar são bem diferentes [...] a cena tem uma natureza visual. Em lugar de contar indiretamente o que aconteceu, mostra. Mais do que simplesmente passar uma informação, a cena procura colocar o leitor dentro do acontecimento. Busca fazer com que o leitor viva um pouco, pelo menos, o que o repórter presenciou” (LIMA, 2014, p. 15)

O Jornalismo Literário opta por esse modo de narrar, pois não tem como objetivo apenas transmitir uma informação sobre algo que aconteceu. Pretende, todavia, envolver as pessoas que irão ler a reportagem, transportá-las para aquele mundo descrito na história.

Com relação à diferença entre o jornalismo convencional e o literário, Edvaldo destaca ainda que o primeiro se foca em contar a história de um modo simplificado, objetivo, enquanto que o segundo, procura ser mais completo. Neste último, o texto é

menos impessoal, não evita a emoção e a informação é apenas um elemento do todo (LIMA, 2014).

Dando continuidade ao raciocínio do autor, pode-se destacar o conjunto de ferramentas e procedimentos narrativos que são utilizados no estilo literário, a exemplo das técnicas de como contar histórias, algumas advindas do próprio jornalismo, e outras adquiridas da literatura de ficção (LIMA, 2014). Nesse contexto, uma das formas simbólicas utilizada com habilidade pelos jornalistas literários é a metáfora, que enobrece o texto e o torna mais atrativo (LIMA, 2014).

Na definição de Edvaldo Pereira Lima, essa figura de linguagem, quando utilizada no jornalismo literário, pode ser entendida como:

Metáfora. Olhar para alguma coisa e ver nela outra que ela não é. Outra coisa que possa dar conta de expressar melhor o que ela é, através da compreensão simbólica. Recurso que enriquece muito o texto no jornalismo literário (LIMA, 2014, p. 22)

Além disso, é válido salientar que apesar de incluir características poética e lírica, quando se faz oportuno, o jornalismo literário as utiliza, mas sem perder o foco na realidade (LIMA, 2014). A possibilidade de se escrever um texto assim existe, independentemente, de haver um fato extraordinário para ser narrado, um assunto que seja novidade, atual, como no jornalismo diário. Ao contrário, a atenção vai, em especial, às coisas mais comuns do cotidiano, pois, de acordo com Edvaldo,

Essa atitude tem dois fundamentos importantes. O primeiro é que quase nada no mundo cotidiano é ordinário, sem graça. Tudo o que parece simples, quando olhamos rapidamente, sem prestar muita atenção, possui coisas interessantes associadas, quando olhamos com mais atenção. [...] o segundo fator é que, ao contar um evento cotidiano, o autor tem a chance de criar um ponto de ligação com o leitor (LIMA, 2014, p. 28-29)

Portanto, para dar significado a essas histórias, é necessário transmitir sentimentos, sensações e emoção ao leitor. Fazer com que ele consiga se sentir na pele do personagem. Em outras palavras, cabe ao jornalista compartilhar o que vê, o que sente, o que consegue entender de determinada situação e, sobretudo, o que experimenta (LIMA, 2014).

Segundo o autor, trata-se de um estilo que vai mais além de contar o que se presenciou, de fazer um simples relato da realidade. Para ele, o jornalismo literário precisa ir mais além de apenas contar o que aconteceu onde, quando e como. É necessário contextualizar, buscar a causa de cada acontecimento, contextualizar, aprofundar aquilo que se conhece na superfície (LIMA, 2014).

Ao mesmo tempo em que o estilo literário procura desenvolver um papel de conotação sociológica, pois busca caracterizar e descrever retratos de situações e grupos sociais, exerce ainda a função de interpretar indivíduos no seu estado psicológico (LIMA, 2014).

Desse modo, um dos meios de comunicação que mais se utilizou de forma legítima do jornalismo literário é a Revista *The New Yorker*. Isso, porque, toma três medidas fundamentais, entre 1920 e 1930, ao passo que revoluciona a literatura da realidade. Uma das medidas tomadas pelo criador da publicação, Harold Ross, foi a preocupação em formar gradualmente uma equipe de jornalistas literários. Já a outra medida foi oferecer uma estrutura formidável à equipe, na medida em que a revista implanta um ótimo sistema de edição das matérias (LIMA, 2014).

Nesse viés também está o conceito do autor Felipe Pena, para quem o conceito de Jornalismo Literário está, principalmente em romper com as normas burocráticas do *lead* e contextualizar a informação da forma mais abrangente possível (PENA, 2011). Na visão do autor sobre o estilo, este seria intrinsecamente ligado a uma questão linguística, ou seja, dar ao texto uma linguagem musical de transformação expressiva em nível de informação.

Torna-se importante o conhecimento de que, hoje, o nome mais usual dessa arte da narrativa da vida real é jornalismo literário, mas que existem outros conceitos sinônimos aceitos da mesma forma. Pode ser chamado também de Literatura da Realidade, Literatura criativa de Não Ficção e Jornalismo Narrativo. Ou, ainda, *New Journalism* (Novo Jornalismo), termo utilizado nos Estados Unidos (LIMA, 2014).

De todas as vertentes, este trabalho se baseia, em especial, no conceito de Tom Wolf, primado na década de 1960: o Novo Jornalismo. Mais especificamente, foi no final de 1966 que se começou a ouvir as pessoas falarem de 'Novo Jornalismo'. O nome não advém de um 'movimento' literário. "Não havia manifestos, clubes, salões, nenhuma panelinha; nem mesmo um bar onde se reunissem os fiéis, visto que não era nenhuma fé, nenhum credo" (WOLFE, 2005, p.40).

Através do instinto, pela experiência e pelos erros, os jornalistas dessa época foram descobrindo os recursos que proporcionaram ao romance realista, sua característica mais evidente. A sua realidade concreta, seu envolvimento emocional, a qualidade absorvente e fascinante, que conseguia captar a atenção do leitor e transportá-lo para o cenário da história (WOLFE, 2005). Eram quatro os recursos principais que eles descobriram. A base da estrutura era formada pela construção do

texto cena a cena, ou seja, a habilidade de contar a história se utilizando de descrições que constroem o cenário de um fato com ação.

Além disso, para conseguirem contar e testemunhar de fato as cenas da vida das pessoas no momento exato em que ocorriam, os novos jornalistas se utilizavam do recurso do diálogo completo. Então, transcreviam literalmente as falas dos personagens, transportando-as para a narrativa (WOLFE, 2005).

Já o terceiro recurso se chamava o ponto de vista em terceira pessoa, ou, em outras palavras, a troca de foco narrativo. Passar do personagem em primeira pessoa para o narrador em terceira pessoa. É a técnica de apresentar cada cena ao leitor através da visão de um personagem particular. O resultado é dar a sensação ao leitor de ele estar dentro da cabeça do personagem, de ser capaz de experimentar a mesma realidade emocional da cena como o personagem a experimenta (WOLFE, 2005).

O último e quarto recurso é responsável pelo enriquecimento do texto, por realmente ser capaz reconstruir uma história, de criar as imagens necessárias para a compreensão. Como afirma o autor, trata-se da descrição, do registro:

Dos gestos, hábitos, maneiras, costumes, estilos de mobília, roupas, decoração, maneiras de viajar, comer manter a casa, modo de se comportar com os filhos, com os criados, com os superiores, com os inferiores, com os pares, além dos vários ares, olhares, poses, estilos de andar e outros detalhes simbólicos do dia-a-dia que possam existir dentro de uma cena” (WOLFE, 2005, p. 55)

Para conseguir realizar a descrição completa, é imprescindível a observação intensa do personagem de que se deseja retratar. A aproximação com o entrevistado, criar intimidade e saber a forma mais adequada para abordá-lo, também fazem parte do procedimento que leva à construção de uma reportagem com mais humanidade e que gera empatia no leitor. Nesse caminho, dentre as dificuldades que existem inicialmente, como cita o autor Tom Wolfe, é abordar gente completamente desconhecida, penetrar em sua vida de algum modo e fazer perguntas que você não tem nenhum direito natural de esperar que sejam respondidas (WOLFE, 2005).

Um dos marcos iniciais do *New Journalism* é considerada a obra do autor Truman Capote, *A sangue Frio*, na qual o autor descreve com detalhes o assassinato de uma família em Kansas City nos anos sessenta. Capote afirmava que tinha inventado um novo gênero literário, chamado de “romance de não-ficção” (WOLFE, 2005).

Para Edvaldo Pereira Lima, Truman Capote já era um escritor de longa data, mas estava com a carreira em baixa, quando lança *A sangue frio*, denominando seu trabalho ‘romance de não-ficção’ (LIMA, 2009). O trecho abaixo retirado do próprio livro é um exemplo da descrição minuciosa realizada pelo escritor:

Nas primeiras horas daquela madrugada de novembro, porém, sons nada costumeiros sobrepuseram-se aos ruídos noturnos normais de Holcomb – a histeria aguda dos coiotes, o arrastar seco das folhas sopradas pelo vento, o lamento distante dos apitos de locomotiva. Na ocasião, não foram ouvidos por ninguém na Holcomb adormecida – quatro disparos de espingarda que, no fim das contas, deram cabo de um total de seis vidas humanas (CAPOTE, 2006, p. 24).

Capote se envolveu durante cinco anos na pesquisa sobre a sua publicação, e recorreu até mesmo à entrevistas com os assassinos autores do crime, que estavam na prisão. Realizou um trabalho meticuloso, uma reconstrução impecável e rica em detalhes, descrições e diálogos dos personagens e de cada cena que aconteceu na noite do crime. Por isso, pode-se dizer que mescla um pouco do jornalismo investigativo com o literário (WOLFE, 2005).

Em contrapartida, segundo o autor Felipe Pena, o romance-reportagem envolve o cruzamento da narrativa romanesca com a narrativa jornalística. O que significa manter o foco na realidade factual, apesar das estratégias ficcionais (PENA, 2011). Contudo, Pena define que “o romance-reportagem é um gênero autônomo situado entre dois discursos, o literário e o jornalístico” (PENA, 2011, p. 104).

A Literatura de Realidade, que é sinônimo de Jornalismo Literário e Literatura de Não Ficção, volta-se para o exercício da narrativa sobre temas reais. Emprega reportagem, o ato de relatar ocorrências sociais, sob um conceito espaço-temporal e de modo mais amplo do que nos jornais (PENA, 2011).

Nesse contexto, o *New Journalism* teve outro expoente, considerado por muitos, o criador do estilo: o jornalista americano Gay Talese. A afirmação se deve pelo fato de que o escritor utilizava recursos literários na produção de reportagens, na medida em que oferecia ao leitor um texto mais sedutor, crítico e às vezes até lírico (REALIDADE, 1966). Dentre as obras de Talese que merecem destaque, está *Fama e Anonimato* (1973), que reúne reportagens publicadas nas revistas *Esquire* e *The New Yorker*.

Dando continuidade aos aspectos peculiares do Novo Jornalismo, é possível dizer que se trata de um método que buscou dar um passo mais abrangente, ao introduzir monólogos interiores dos personagens de suas matérias e fluxos de

consciência que, até então, só haviam sido empregados na literatura de ficção. O recurso em questão se manifestava através do ponto de vista autobiográfico, escrito em terceira pessoa (LIMA, 2009).

Tom Wolfe explica que, a técnica consiste em apresentar cada cena ao leitor através dos olhos de um personagem particular. Assim, é capaz de proporcionar a sensação de estar dentro da mente do personagem e experimentar a realidade emocional da cena do mesmo modo que ele a experimenta (LIMA, 2009).

Em 1968, outro romancista se voltou para a não-ficção, com um grande sucesso como o de Capote. A obra *Os Degraus do Pentágono*, do jornalista Norman Mailer, é um conjunto de memórias de uma demonstração contra a Guerra do Vietnã, na qual resgata as características apresentadas dois anos antes em *A sangue Frio*. Além disso, Mailer modernizou o ponto de vista autobiográfico em terceira pessoa, na sua obra de maior renome, *Os exércitos da noite*, utilizando-se do monólogo interior. Este se diferencia do fluxo de consciência, porque expressa os estados mentais dos personagens de modo articulado (LIMA, 2009).

Cabe ressaltar que o Novo Jornalismo, como passou a ser chamado em 1966, por alguns críticos, nunca teve aceitação unânime no jornalismo e tampouco na literatura. Além disso, é importante esclarecer, como afirma o autor Marcelo Bulhões, que, o *New Journalism*, não foi exatamente um movimento, pois não surgiu com um conjunto de ideias estabelecidas por um grupo coeso de representantes. Também, porque não estabeleceu um programa ou um manifesto declaratório de princípios (BULHÕES, 2007).

Portanto, pode-se dizer que, o estilo nasceu como uma forma de reação ao jornalismo convencional que era praticado até então. Insatisfeitos com a forma de produção dos textos e da escrita pobre em humanização, os jornalistas encontraram no *New Journalism*, um modelo de escrita libertária. Assim, puderam dar vazão à criatividade, às sensações experimentadas por aquele que escreve. “Na perspectiva de Wolfe, eram necessários, portanto, escritores que operassem como autênticos retratistas, ou seja, que trabalhassem com as ferramentas do Realismo Social do século XIX” (BULHÕES, 2007, p. 156).

No Brasil, em 1966, o Jornalismo Literário teve ênfase com o desenvolvimento de grandes reportagens publicadas na revista *Realidade*. A importância da revista decorre da valorização dada à reportagem, que ao mesmo tempo possibilitava a escrita do gênero jornalístico com expressões e formas próximas das realizações

literárias (BULHÕES, 2007). Realidade concedia espaço para um texto com identidade e especificação, que demonstrasse um exercício de criatividade e formato com a utilização das características literárias.

A revista aderiu ao método contrário à uniformização textual da escrita jornalística que começava a se desenvolver nos Estados Unidos, o *New Journalism* (BULHÕES, 2007). Para Edvaldo Pereira Lima, a literatura também influenciou nos métodos de captação, na reportagem em si, do *New Journalism*. Segundo ele, “As declarações de Tom Wolfe atestam isso, de como o realismo social influenciou os métodos de observação dos novos jornalistas” (LIMA, 2009, p. 245)

3. A REPORTAGEM

No século XIX, em meio à propaganda que prevalecia nos jornais existentes até então, nascia a reportagem, dando vida aos fatos reais. Por se tratar de um período de disputas, como a Guerra do Ópio, que impôs o comércio de entorpecentes na China sobre o controle inglês, e o Imperialismo da Inglaterra na África, nasce o papel do repórter, que iria ser testemunha dos acontecimentos e relatá-los à sociedade.

Como afirma o autor Nilson Lage,

A luta de classes não pôde ser mostrada como revolta da ralé social, nem o desemprego maciço da Europa Continental como mero fruto de acidentes climáticos, malandragem e incompetência dos italianos, irlandeses, alemães ou poloneses (LAGE, 2003, p. 16).

É nesse contexto que surge a reportagem e o trabalho do repórter passou a ser temido. Esse formato de texto colocou em primeiro plano novos problemas, entre eles, saber discernir o que é privado, de interesse individual, daquilo que é público, de interesse coletivo. Também mostrou o que o Estado pode manter em sigilo e o que não pode, além dos limites éticos do comércio e os custos sociais da expansão capitalista (LAGE, 2003). A partir daí é que se começou a escrever reportagens com base na observação da realidade, nos fatos sociais.

Por outro lado, segundo o autor Edvaldo Pereira Lima, o embrião da reportagem está atrelado a um novo meio de comunicação periódica criado na década

de 1920, e “a uma nova categoria de prática da informação jornalística, que tem seus primeiros passos definidos também nessa época: a revista semanal de informação geral e o jornalismo interpretativo” (LIMA, 2009, p. 18). Na visão de Edvaldo Pereira Lima, a reportagem teria surgido visando atender à necessidade de ampliar os fatos, de colocar para o receptor a compreensão de maior alcance. Para ele, é um modo de ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual (LIMA, 2009). Em outros termos, é possível dizer que ela vem a ser a forma desenvolvida da notícia.

Já para Nilson Lage, a reportagem, enquanto estilo de texto, é difícil de ser conceituada. O autor acredita que ela engloba desde “a complementação de uma notícia, até o ensaio capaz de revelar, a partir da prática histórica, conteúdos de interesse permanente, a exemplo do relato da companhia de Canudos por Euclides da Cunha” (LAGE, *apud* LIMA, 2009, p. 22). Diferente da notícia, em que o texto é composto por uma estrutura denominada Lead, o qual faz com que o jornalista escreva as respostas das perguntas O quê? Quem? Onde? Como? Quando? Por quê? a reportagem é uma fórmula textual mais libertária. Nela, os fatos são aprofundados e não há um molde pronto para ser seguido.

Da mesma forma que o Jornalismo pode ser um gênero literário, a reportagem vem a ser um gênero jornalístico. Ela é considerada como o instrumento do jornalismo utilizado para poder trilhar novos caminhos que não seja aquele da atualidade, pois trata não necessariamente de assuntos ligados a fatos novos, uma vez que busca um certo conhecimento do mundo. Ademais disso, outro destaque que alguns autores, como Cremilda Medina, fazem sobre esse gênero do jornalismo, é para o aspecto democrático inserido na reportagem. É através do aprofundamento maior das informações sociais e da pluralidade de vozes nela encontradas, que se pode afirmar que a reportagem é um instrumento democrático (LIMA, 2009).

Como sugere o Professor de Comunicação Social da UNESP, Marcelo Bulhões, a reportagem ultrapassa o simples anunciar do acontecimento, dedica-se a detalhá-los, situando-os no entorno de suas motivações e implicações. Possui também, variantes de formato: descritivos, narrativos, expositivos e dissertativos. Sua elaboração acontece após a apuração laboriosa das informações, por meio de entrevistas e da consulta a diferentes versões (BULHÕES, 2007).

A reportagem constitui, pode-se dizer, em um dos gêneros jornalísticos que tem como características principais a predominância da forma narrativa, a humanização do relato, texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos narrados. Sempre

é necessário que a narrativa esteja presente numa reportagem, pois, caso contrário, não será reportagem. Narrativa, entendida como todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo imaginado como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado (SODRÉ e FERRARI, 1986).

Desse modo, percebe-se que é na reportagem o lugar onde se contam e se narram os acontecimentos da atualidade. Em todos os meios de comunicação, tanto no jornal impresso, como no televisionado, ela se afirma como o lugar por excelência da narração jornalística. A narrativa vem a ser composta por personagens, pela ação dramática e por descrições do ambiente. Todavia, a reportagem convencional, presente no jornalismo diário se distancia daquela com o viés literário, devido ao compromisso jornalístico com a objetividade informativa e com o fator tempo, que é escasso nas redações de hoje.

A visão de mundo do enunciador, na narração, pode ser transmitida através de ações que ele atribui aos personagens, com a caracterização deles ou das condições do ambiente em que vivem. Pode aparecer, ainda, nos comentários sobre os fatos que ocorrem (Fiorin & Savioli, 1990, p. 301 *apud* COIMBRA, 1993, p. 82). Ao elaborar o texto, os detalhes tornam-se úteis para causar o chamado “efeito de real”, que seriam os detalhes nomeados de informantes por Barthes, que servem para aumentar o grau de credibilidade do texto. Ou seja, transformam-se em operadores de verossimilhança.

Assim, nota-se que os fragmentos portadores de informações também acabam servindo como indícios (COIMBRA, 1993). Nesse sentido, é possível afirmar que o formato dispensa a novidade, porque sua função é trazer o detalhamento e a contextualização dos fatos àquilo que já foi anunciado, mesmo que tenha teor com caráter informativo (SODRÉ e FERRARI, 1986).

A reportagem literária, estilo proposto por este trabalho, foge do modelo convencional de abertura dos demais textos jornalísticos. É uma alternativa que abre espaço para a criatividade, um momento onde o relato humanizado é apreciado e se sobrepõe à objetividade, visando atrair o interesse do leitor e gerar empatias. Para isso, são utilizadas algumas ferramentas essenciais como, por exemplo, a criação de diálogos, descrições físicas e psicológicas do ambiente e do personagem, figuras de linguagem e a troca de foco narrativo.

Dessa forma, pode-se dizer que, os indivíduos entrevistados, que são vistos como meras fontes de informação para o texto no jornalismo diário, na reportagem

literária, ao contrário, eles se transformam nos próprios personagens da história. Nesse gênero jornalístico, portanto, ocorre a valorização do humano. Procura-se trazer sensibilidade e emoção ao texto, provocar sensações no leitor como se ele estivesse vivenciando a história do personagem.

No entanto, os jornais diários impressos vivem sob a pressão do *Dead Line* e de recursos financeiros limitados, o que acaba por reduzir o espaço para a produção de reportagens no estilo literário. O mercado exige agilidade, ação imediata e precisa veicular informações em curto período de tempo. Por isso, inviabiliza a escrita de reportagens, especialmente as de caráter literário, e assim, tal formato de texto ganhou espaço nas revistas.

Quando o assunto é estilo do texto, nas revistas a liberdade é maior se comparada ao jornal diário. Nesse contexto, em 1966, foi criada a Revista Realidade da Editora Abril. O veículo inovou no modo de escrever reportagem através de sua amplitude na abordagem temática e da linguagem mais literária utilizada. Suas páginas apresentavam reportagens de grande riqueza informativa e estética, além de abordarem temas variados e assuntos como o Novo Jornalismo que emergia, nessa época, nos Estados Unidos.

O formato que ganhou maior espaço na revista foi o da grande reportagem, que é produzida com profundidade nos assuntos tratados e recursos literários atraindo a atenção do leitor e aproximá-lo dos fatos. “Realidade” foi a primeira experiência da editora na área de revistas de informação geral. Lançada em 1966, foi produzida por dez anos consecutivos com periodicidade mensal e desde a sua primeira capa conseguiu obter uma grande adesão perante o público. No trecho abaixo, é possível notar o viés literário presente na reportagem de Realidade:

Num folheto de propaganda exaltou as virtudes da misteriosa bebida. Ela aviventa o espírito e torna o coração alegre. É boa contra a moléstia dos olhos. Melhor ainda se mantiveres a cabeça sobre a bebida e receberdes o seu vapor. É insuperável para suprir os humores. É, destarte, boa contra as enxaquecas. Também detém o fluxo dos humores crassos que da cabeça dilatam para o estômago e assim atalha a tísica e a tosse dos pulmões. É excelente para prevenir e cura a hidropsia. (REALIDADE, p. 111, 1966).

Nos anos 1980 e 90 o gênero reportagem, que não pertencia a um veículo específico, perdia espaço nos jornais e, por isso, começa a trilhar um novo caminho rumo às revistas. O processo da escrita nesses meios de comunicação acontece de múltiplas formas, ora de modo técnico e objetivo, ora criativo e permeado de

subjetividade (VILAS BOAS, 1996). Conforme o autor Sérgio Vilas Boas, a reportagem tem como finalidade também,

Preencher os vazios informativos deixados pelas coberturas dos jornais, rádio e televisão. Além de visualmente mais sofisticada, outro fator a diferencia sobremaneira do jornal: o texto. Com mais tempo para extrapolações analíticas do fato, as revistas podem produzir textos mais criativos, utilizando recursos estilísticos geralmente incompatíveis com a velocidade do jornalismo diário. A reportagem interpretativa é o forte (VILAS BOAS, 1996, p. 9)

Hoje, é possível encontrar textos que se apropriaram de aspectos e estilo semelhante ao de Realidade, como é o caso da Revista Piauí. Ao contrário do jornalismo informativo presente nas revistas de caráter não literário, a Piauí buscou enfatizar a escrita de reportagens no estilo *New Journalism*, por meio da criação de crônicas, perfis e diários com temas de caráter nacional, na maior parte, além de dar espaço para os textos ficcionais. As rupturas com o jornalismo diário reside no fato de este se preocupar mais com a velocidade e com a padronização dos textos, do que com uma interpretativa resposta aos porquês gerados pelos acontecimentos.

Ao iniciar este trabalho, optou-se por escrever biografias de curta-duração, formato que particulariza a ação em torno de um único personagem, que atua durante toda a narrativa. Segundo Maria Helena Ferrari e Muniz Sodré, existe sempre um momento na narrativa em que a ação se interrompe para dar lugar à descrição interior ou exterior de um personagem, que é o chamado perfil, nome dado a esse tipo de texto no jornalismo (SODRÉ e FERRARI, 1986).

O retrato de uma personagem pode conter indícios da sequência de ações que ela vai desenvolver ao longo da narrativa. Da mesma forma, a descrição de um espaço geográfico ou social pode contribuir para o desenrolar da narrativa, além de contribuir para a compreensão do leitor e para situá-lo (Lopes & Reis, 1988, p. 23 *apud* COIMBRA, 1993, p. 89). O modo de expressão contido nele, não tem como única finalidade veicular conteúdos, mas recriá-los em sua organização, de uma forma que importa mais o modo como se diz, do que aquilo que é dito nele. Além disso, o texto nesse estilo é capaz de criar novos significados para as palavras, quando estabelece relações inesperadas e estranhas entre elas (cf. Fiorin & Savioli, 1990, p. 349 *apud* COIMBRA, 1993, p. 53).

Nesse sentido, nota-se que o formato surgiu através do anseio de poder escrever mais livremente, sem ter que seguir um padrão já estabelecido. Na reportagem, não existem fórmulas concretas, pois cada história é diferente da outra,

e merece um tratamento único. Como afirma o escritor Ricardo Kotscho “o objetivo dessas matérias é fazer com que o leitor viaje junto, o repórter cumprindo sua função primeira: colocar-se no lugar das pessoas que não podem estar lá, e contar o que viu como se estivesse escrevendo uma carta a um amigo” (KOTSCHO, 1995, p. 16).

4. O PERFIL

Existem várias nomenclaturas para perfil. Steve Weinberg (*apud* VILAS-BOAS, 2003) nomeia-os de Biografia de Curta Duração, que é o conceito aderido neste trabalho. Oswaldo Coimbra (1993), chama-os de Reportagem Narrativo-Descritiva de pessoa, enquanto que Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986) pensam que deve ser chamado de perfil o texto que centraliza a atenção no protagonista de uma história, que seria a história de vida dele mesmo.

Há também uma expressão advinda das pesquisas qualitativas das áreas da Ciências Sociais, como a sociologia, antropologia e história, que é conhecida por Histórias de Vida. Esse conceito confere atenção maior na vida dos indivíduos e dos grupos sociais, com o objetivo de humanizar o tema, o fato ou a situação em que estão envolvidos (VILAS-BOAS, 2003). Já Cremilda Medina considera esse tipo de texto como Perfil Humanizado que busca, através de uma entrevista diálogo, mergulhar no universo do entrevistado e compreender os seus comportamentos, valores, conceitos, histórico de vida, longe da finalidade de glamorizá-lo ou de condená-lo (MEDINA, 2008).

No perfil, pode-se dizer que, a caracterização de uma personagem não se reduz às qualidades atribuídas diretamente a ela pelo narrador. Isso, pois, a forma como a personagem age e as palavras pronunciadas por ela também revelam características suas. Assim, o jornalista Oswaldo Coimbra ressalta a importância da observação ao se escrever um perfil reportagem, pois

Num texto jornalístico sobre uma pessoa, poderá haver um conjunto formado pelas ações e reações atribuídas a esta pessoa, pelo que ela diz a seu próprio respeito, a respeito de outras pessoas e a respeito dos fatos, em geral, e, pelo que as outras pessoas dizem dela. Tal conjunto poderá induzir o leitor a concluir que esta pessoa tem um determinado tipo de caráter e de temperamento. Os indícios de um certo caráter e de um certo temperamento estão espalhados ao longo do texto e vão se acumulando à medida que ele transcorre (COIMBRA, 1993, p. 117)

Como sugere o estudioso sobre esse assunto, Sérgio Vilas Boas, “o perfil é explicitado pela história narrada, com um passado e um presente” (VILAS-BOAS, 2003, p. 19). É exatamente isso que se buscou fazer nas reportagens deste trabalho. Contar a história de vida de dois imigrantes refugiados, baseando-se em fatos de seu passado e no presente. Deter-se nos aspectos mais marcantes da vida de ambos, reaviva-los, descrever cada um dos sujeitos e os lugares em que viveram, até chegar no momento presente. Por isso, as duas reportagens podem ser consideradas biografias de curta duração.

Dessa forma, na hora da entrevista, é salientada a vida do personagem e suas peculiaridades, a trajetória, os altos e baixos e, até mesmo, suas realizações. No entanto, ao contrário das biografias em livros, em que a história do biografado é contada minuciosamente, com pormenores, os perfis têm a liberdade de se deter em apenas alguns momentos da vida do entrevistado. É um modelo que requer uma narrativa curta tanto na sua extensão, como também no tempo de durabilidade das informações e da observação do jornalista.

Vilas Boas acredita que um perfil jornalístico deve conter quatro partes, para ficar retido na memória do leitor. Seriam elas, a lembrança, o espaço, a circunstância e a interação. Em contrapartida, o jornalista Oswaldo Coimbra levanta a questão de que, por mais observações e entrevistas que se faça com o entrevistado, dificilmente o perfil jornalístico vai ter conclusões definitivas e categóricas de seu autor sobre o caráter e o temperamento do protagonista. Para Coimbra, o mais aceitável é que o texto reúna uma série de informações que podem levar o leitor a tirar suas próprias conclusões a respeito. (COIMBRA, 1993).

No perfil, é de suma importância ressaltar o caráter humanizado do texto, uma vez que ele proporciona abertura e compreensão amplas do perfilado na sua singularidade. Seja do histórico de vida ao comportamento, seja dos valores aos conceitos. A humanização também se deve, principalmente, às ferramentas trazidas do jornalismo literário. Dentre elas, está a descrição do ambiente, de objetos e do personagem; a construção cena a cena; a presença de diálogos no texto; e a troca de foco narrativo, entre a 1ª pessoa, que seria a voz do entrevistado e a 3ª pessoa, voz do narrador (LIMA, 2009).

São vários os procedimentos que fazem parte da criação dos perfis, pois neles estão envolvidas multidimensões dos personagens. Há uma combinação de

elementos como memória, conhecimento, imaginação, sínteses e sentimentos, que são fundamentais para a realização do perfil de quem se deseja escrever. Para construí-lo é necessário fazer uso de todos os conceitos e técnicas de reportagem conhecidos, além dos recursos literários (VILAS-BOAS, 2003). Sérgio Vilas Boas chama a atenção para a importância da literatura na escrita desse tipo de texto, “o perfil é um gênero jornalístico. Sem o Literário, no entanto, o perfil não hipnotiza” (VILAS-BOAS, 2003, p. 12)

Contudo, além de observar minuciosamente o sujeito, como está vestido, os seus gostos, hábitos, atitudes e todos os detalhes que estão relacionados a ele, é necessário prestar atenção no que ele fala, até mesmo, ao se relacionar com outras pessoas. Conforme o autor Antônio Candido, na obra “A personagem de ficção”, explica que “um ato ou uma sequência de atos – assim como uma conversa, uma afirmação ou uma informação – são ‘fragmentos de ser’” (CANDIDO *apud* COIMBRA, 1993, p. 106).

Portanto, se esses fragmentos forem considerados como parte de um todo, será possível ter uma imagem mais concreta e aproximada do personagem. Com pensamento semelhante, Oswaldo Coimbra acredita que, como a análise diante do protagonista inclui o conjunto de ações por ele realizado e as palavras proferidas, a caracterização ocorre através do próprio meio aonde ele se insere e se dá em vários momentos do texto, sob modalidades diversas (COIMBRA, 1993).

Para Cremilda Medina (2008), a criação de um perfil reportagem exige do entrevistador uma sensibilidade diferenciada que se manifesta através do gesto, do olhar, da atitude corporal. Segundo a autora, “um repórter que se debruça sobre o entrevistado para sentir quem é o outro, como se estivesse contemplando, especulando uma obra de arte da natureza, com respeito, curiosidade [...]” (MEDINA, 2008, p. 30).

Tanto na biografia como no perfil, a experiência humana é a principal referência para o repórter, ela vira o centro das atenções da reportagem, diferente do jornalismo convencional, em que o indivíduo é apresentado abstratamente. Assim, de acordo com Vilas Boas, “a persona do escritor passa a ter mais importância que o ‘gancho’ para justificar jornalisticamente o perfil” (VILAS-BOAS, 2003, p. 11).

Edvaldo Pereira Lima, paralelo à ideia do autor anterior, observa que, nos jornais cotidianos, as pessoas são apresentadas e constituídas através de números,

dados sociais, características externas a elas, se esquecendo de que o protagonista tem algo a dizer de dentro, não apenas de fora. Em geral, diz ele

O jornalista ilustra o fato com a historinha de alguém. No entanto, o que se quer na boa reportagem é encontrar o protagonista que vai irradiar o contexto sociocultural, as raízes históricas de um fato. O repórter encontra o protagonista de uma matéria por meio de sua própria impregnação na experiência humana” (LIMA, 2009, *apud* VILAS-BOAS, 2003, p.18)

Seguindo a nomeação dos textos literários que falam sobre a história de vida de pessoas, não se pode deixar de citar as outras modalidades que completam o quadro. Quando existe a presença de uma personagem secundária na história, e sua descrição acontece num dado momento, há, para Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, o que nomeiam de miniperfil. Já quando determinada publicação sobre uma personagem decide juntar um conjunto de textos, artigos, crônicas e poemas sobre ela, que compõem uma grande reportagem, então, fala-se na existência de multiperfil (COIMBRA, 1993).

Dentre os veículos de comunicação impressos que se destacaram com a publicação de perfis, está a *New Yorker*, que representou uma inovação capaz de influenciar o jornalismo no mundo inteiro. A revista desenvolveu um formato narrativo próprio, através de textos desse gênero literário. *New Yorker* começa a escrever histórias de indivíduos, pessoas comuns e pessoas famosas, a fim de desvendar aquele personagem, de compreendê-lo em todos os aspectos, nas suas peculiaridades, qualidades e defeitos, de relatar o seu caráter singular (LIMA, 2014).

Desse modo, é possível afirmar que o perfil realiza um trabalho com um olhar psicológico, de retratar a pessoa por meio de suas atitudes, seu mundo interno, e sua psique. Assim, vem à tona pistas que ajudam o jornalista a compreender o indivíduo como um ser humano, de forma mais completa. Ou, ainda, como diria o pesquisador sobre o assunto, Edvaldo Pereira Lima, “Esse é o espírito do perfil. Compreender a pessoa na sua grandeza e na sua finitude. Não julgá-la, nem defende-la, nem condená-la. Compreendê-la” (LIMA, 2014, p. 60).

Portanto, esse gênero literário tem como pauta a pessoa escolhida para ser o centro das atenções, sendo ela alguém popularmente conhecida, ou uma pessoa comum no meio da multidão. A escolha não está no fato de o sujeito representar um grupo, ou uma situação social, mas sim, é feita pela sua singularidade, os aspectos que o definem, a sua história de vida, o quão interessante ela é. Para conseguir mostrar as profundezas do indivíduo, torna-se imprescindível a humanização do

relato. Essa habilidade vai se dar através do caráter impressionista do narrador e, sem dúvida, pela sua empatia.

Nesse contexto, os escritores Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari acreditam que o perfil seja uma forma de apresentar, caracterizar ou fazer com que o personagem central atue. Ademais, consideram que o perfil é um momento na narrativa em que a ação é interrompida para dar espaço à descrição interna ou externa da personagem (SODRÉ e FERRARI, 1986). Ambos também definem de uma forma mais ampla o conceito de perfil, incluindo nele, o comportamento do repórter:

Em jornalismo, perfil significa enfoque na pessoa – seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é protagonista de uma história: sua própria vida. Diante desse herói (ou anti-herói), o repórter tem, via de regra, dois tipos de comportamento: ou mantém-se distante, deixando que o focalizado se pronuncie, ou compartilha com ele um determinado momento e passa ao leitor essa experiência (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 126).

Já o jornalista e autor do livro *Perfis e como escrevê-los* (2002), Sergio Vilas Boas, enxerga o perfil jornalístico como um texto biográfico curto, também chamado de *short-term biography*. Essa mini biografia, segundo o autor, pode ser publicada em veículo impresso ou eletrônico, e narra episódios, circunstâncias marcantes da vida de um indivíduo, famoso ou não. Os episódios e as circunstâncias durante a escrita, vão se combinar com entrevistas de opinião, descrições do espaço físico, da época, das feições, dos comportamentos, intimidades, entre outras. Surge, então, características que o personagem acaba revelando sem dizer. (VILAS-BOAS, 2002).

Com relação aos escritores que se destacaram na escrita de perfis literários, podem ser citados, Lilian Rosso, Gay Talese, Janet Flanner, Nicholas Leman e Calvin Trillin. O escritor Gay Talese, por exemplo, publicou em 1962, na revista *Esquire*, uma reportagem-perfil sobre o ex-boxeador Joe Louis, através dos diálogos intimistas entre Louis e sua esposa. No texto, é nítida a habilidade de Talese em construir a história por meio de um jogo narrativo-expositivo (BULHÕES, 1993).

Em síntese, como defende Edvaldo Pereira Lima, o perfil é um formato distinto, criado por uma modalidade narrativa, que pertence à família dos textos biográficos. Em literatura da realidade, são contadas muitas histórias de vida (LIMA, 2014). A atração do formato está na possibilidade de “descobrir o universal embutido nas particularidades, lançar luzes sobre dramas humanos que incitem o pensamento” (VILAS-BOAS, 2002, p. 16).

Dentre os perfis bem sucedidos na história do jornalismo, vale a pena ressaltar o texto do escritor Gay Talese “Frank Sinatra está resfriado”. O autor escreveu o perfil do músico sem nem se quer entrevista-lo, somente através da observação minuciosa frequentando os mesmos locais que ele e permanecendo a certa distância. Contou também com a descrição de pessoas que fazem parte do círculo de convívio do cantor, para poder escrever o seu perfil.

Abaixo, a parte inicial do perfil clássico escrito por Talese, publicado na Revista Esquire em 1966:

Frank Sinatra, segurando um copo de bourbon numa mão e um cigarro na outra, estava num canto escuro do balcão entre duas loiras atraentes, mas já um tanto passadas, que esperavam ouvir alguma palavra dele. Mas ele não dizia nada; passara boa parte da noite calado; só que agora, naquele clube particular em Beverly Hills, parecia ainda mais distante, fitando, através da fumaça e da meia-luz, um largo salão depois do balcão, onde dezenas de jovens casais se espremiavam em volta de pequenas mesas ou dançavam no meio da pista ao som trepidante do folk rock que vinha do estéreo.

[...]

Padecia de uma doença tão comum que a maioria das pessoas a considera banal. Mas quando acontece com Sinatra, ela o mergulha num estado de angústia, de profunda depressão, pânico e até fúria. Frank Sinatra está resfriado. Sinatra resfriado é Picasso sem tinta, Ferrari sem combustível - só que pior. Porque um resfriado comum despoja Sinatra de uma jóia que não dá para pôr no seguro - a voz dele -, mina as bases de sua confiança, e afeta não apenas seu estado psicológico, mas parece provocar também uma espécie de contaminação psicossomática que alcança dezenas de pessoas que trabalham para ele, bebem com ele, gostam dele, pessoas cujo bem-estar e estabilidade dependem dele (TALESE, 2004).

O feito de realizar um texto que apresenta tanta intimidade de um personagem, sem ter trocado uma palavra com ela, sem dúvida, é uma dádiva que serve de exemplo para os jornalistas que apreciam a escrita de perfis. As metáforas utilizadas por Gay Talese conferem uma significação maior ao fato principal associado ao perfilado Frank Sinatra.

5. PRODUTO EXPERIMENTAL

5.1 Um pé na Salsa, o outro na estrada e as mãos nos cabelos: a cabelereira à procura da paz.

Buzinas, arrancadas de carros, pisadas no acelerador e músicas de propaganda se misturam na rua ao lado de um lugar em que as pessoas vão para cuidar da beleza. Num local em que a vaidade, conversas e gargalhadas ganham vida. Onde a palavra “amiguinha” é uma constante, dita para pessoas íntimas e até mesmo para desconhecidos que chegam ali. No segundo piso do prédio recoberto por mármore, no calçadão de Santa Maria, existe um espaço tomado pelo sotaque portunhol.

Um salão de beleza diferente de qualquer outro. Nele, não há espaço para a antipatia e, tampouco, para pessoas desocupadas. Todos são tratados como velhos conhecidos. As agendas estão sempre lotadas e é preciso marcar hora com antecedência. A harmonia do local é pode ser notada, até mesmo, nas paredes. De um lado da sala, adesivos de flores coloridas recobrem o branco sobre o reboco. Do outro, são os espelhos, pequenos balcões brancos com escovas, cremes, secadores de cabelo e quadros com mulheres exibindo cortes modernos.

De cabeça baixa, a manicure não perde tempo. As mãos inquietas, um momento estão com a lixa, em outro com o esmalte para colorir as unhas e, por fim, o algodão com acetona para limpar os excessos. Rechonchuda, robusta e com estatura acima da média das mulheres, Angelita é calma ao falar, e cuidadosa com as cutículas. Quando vê um fiozinho de sangue no dedo de uma cliente, é como se tivesse cometido um crime. Fica magoada, sente remorso e pede desculpas até o fim do serviço. Pode até se esquecer da chave de casa, mas de passar o batom vermelho nos lábios, nunca.

- E aí, já decidiu qual unha você vai querer fazer, hoje? Pergunta a manicure para a cliente.

- Sim. Pode ser esse esmalte azul metálico. Vou querer as unhas lisas, sem decoração.

Enquanto Angelita começa a passar o esmalte, uma moça que está sentada no sofá aguardando para cortar o cabelo aproxima-se daquela que está sendo atendida pela manicure e mostra:

- Olha só a unha que eu fiz hoje! A Angelita é uma artista mesmo. Fala a moça, orgulhosa com o resultado do trabalho.

- Nossa, que lindas! Adorei! As unhas decoradas que ela faz parecem quadros miniaturas - responde aquela que está sentada com as unhas sendo retocadas.

No ambiente em que é feita a manutenção das unhas, poltroninhas de couro, pretas, são destinadas às clientes. O sofá, da mesma cor e tecido, fica perto da janela que dá para a rua Venâncio Aires e, nele, mais mulheres aguardam a sua vez. Existe ainda uma salinha, com paredes divisórias de plástico, exclusiva para tratamentos capilares, área em que a cabelereira, dona do salão, se especializou. Na parede, prateleiras com produtos específicos para couro cabeludo, shampoos naturais e cremes.

É ali onde ela passa a maior parte do tempo, ao som da água que escorre devagar de uma cascata sobre o balcão. Sempre com rímel para dar volume nos cílios, lápis preto no contorno inferior dos olhos oblíquos e batom cor de rosa colorindo os lábios levemente volumosos. Chama a próxima pessoa que vai ser atendida e pede para ela passar no lavatório de cabelos. Coloca a toalha em torno no pescoço da mulher, puxa os fios para trás, molha-os com o chuveirinho e aplica o shampoo. Esfrega o couro cabeludo até criar espuma.

A pele da cabelereira lembra o tom do coco queimado. Se tivesse nascido no Brasil, seria chamada de mulata. Os cabelos são negros com loiro escuro nas pontas, as chamadas mechas californianas, e, normalmente, estão atados em um coque redondo, perto da nuca. De estatura mediana e com circunferências pequenas, a proprietária é ágil ao lavar, secar e cortar os cabelos. Delicada nas atitudes e com as palavras. O sotaque e os traços do rosto deixam estampada a sua origem. Rocio Oviedo Franco não nega ser hispano-americana.

O dedos que enxáguam os cabelos no lavatório, são os mesmos que secaram as lágrimas de seu rosto, no Concurso Nacional de Salsa da Colômbia, em 1984. Fez parte de grupos de danças folclórica e de Salsa. Naquele ano, juntara todos os esforços para realizar seu maior sonho. Rocio e Edwin Morales, seu par de dança, estão decididos a entrarem na disputa pelo troféu de melhores dançarinos de Salsa da Colômbia.

Dedicam horas, dias e mais dias de encontros para aprimorarem os passos. Não se cansam de repetir os movimentos durante semanas a fio. O desejo de competir é capaz de fazer a jovem ultrapassar qualquer barreira. Até mesmo a indiferença da

prefeitura com os gastos e a própria carência de dinheiro. Um mês antes do grande dia, passa de loja em loja para arrecadar utensílios de cozinha, aparelhos eletrônicos, e cestas de alimentos que servirão como prêmio da sua rifa. Com a venda dos números, Rocio consegue a quantia pesos colombianos que precisa para poder embarcar no ônibus e dormir no hotel.

Durante a viagem, os olhos miram fixos a paisagem que a janela mostra. Mas o que invade o pensamento da adolescente é a apresentação. As notas dos jurados. O troféu. Assim que o ônibus chega em Bogotá, dirige-se ao clube que vai receber centenas de pessoas, e dançarinos de todos os cantos da Colômbia.

Chega a vez dela ser o centro das atenções. A pequena dançarina está radiante, com uma blusa acima do umbigo, da cor do sol e forrada por brilho. A única manga longa da roupa tem o punho em formato de flor, que se abre conforme os giros da jovem, no palco. Acompanha o look uma saia rodada três palmos acima dos joelhos, também da mesma cor e com arandelas azul Royal na borda. Os cabelos negros atados em um coque redondo, são enfeitados por uma flor amarela presa ao lado da orelha.

Os jurados arregalam os olhos e ficam de queixo caído com sua roupa e a elogiam. A colombiana agradece e se coloca a postos. Em poucos minutos, o ritmo da música Caracoles de colores, do cantor Diosmedes Diaz toma conta dos ares. De repente, inicia o som da gaita que marca a canção. Um, dois, três:

“Caracoles de colores que en el mar andan nadando
 Caracoles de colores que en el mar andan nadando
 Se arruman por montón por las olas que van pasando
 Se arruman por montón por las olas que van pasando

Y van pasando
 Los caracoles
 Son de colores
 Y van pasando

Lo bailan en Barranquilla, Santa Marta y Cartagena
 Lo bailan en Barranquilla, Santa Marta y Cartagena
 Lo bailan en la Guajira alla en el cabo de la vela

Lo bailan en la Guajira alla en el cabo de la vela

Alla en el cabo
Los caracoles
Ahi van paseando
Con sus amores

Voy el domingo a la playa voy en busca de un amor
Voy el domingo a la playa voy en busca de un amor
Y me dicen las muchachas ya llegó mi caracol
Y me dicen las muchachas ya llegó mi caracol

Ay caracoles
hay de colores
Los caracoles
Son de colores

Caracoles de colores que en el mar andan nadando
Se arruman por montón por las olas que van pasando

Y van pasando
Los caracoles
Son de colores
Con sus amores

Ay van pasando
Los caracoles

Y van pasando los caracoles
Y van bailando con sus amores
Los caracoles
Son de colores”

Sem parar de remexer o quadril um segundo, Rocio rodopia enquanto o brilho da roupa reflete parecendo faíscas de fogos de artifício. As sandálias de salto alto douradas equilibram os passos executados com elegância e firmeza. Quando realizam o último movimento da coreografia, uma onda de aplausos, gritos e assobios vem da plateia. É a dupla mais aplaudida até o momento, e seria a mais prestigiada do dia. Os dois agradecem acenando com a cabeça e vão para as cadeiras aguardarem as próximas apresentações.

Chega a hora decisiva. Os jurados vão anunciar quem vai levar o troféu de melhor dupla de Salsa da Colômbia:

- *Y los ganadores son¹: Rocio Oviedo Franco e Edwin Morales!*

Com as mãos no rosto, sem acreditar e os olhos brilhando com lágrimas, a jovem sobe ao palco com o par para receberem o prêmio. Aplausos em pé, e mais uma vez, assobios e gritos vindos do público. Ela abraça forte o companheiro de dança e com as mãos trêmulas pega o troféu. *Fué algo bien, bien lindo, que me marcó mucho. Adoro dançar, mucho, mucho. Yo soy feliz dançando!*²

Aqui no Brasil ela e o marido, Pompílio, soltam o gingado nas várias festas em que são convidados. Mas, nas primeiras vezes em que saíam, o casal ficava recuado a um canto do salão. Apenas permaneciam sentados e com os olhos atentos aos pés e mãos dos brasileiros. Assim, notam como os passos das músicas brasileiras se assemelham aos da Salsa e das demais músicas caribenhas. Mira os casais dançando no salão da festa. Depois de umas cinco músicas, Rocio olha para o marido e tira a conclusão de que não seria impossível aprender:

- *Gordo, no es difícil!*³ Fala com entusiasmo.

- *Sí, yo solo estoy mirando!*⁴, disse o marido.

Nós começamos a praticar em casa. Ríamos, ríamos - lembra Rocio. Passados os primeiros ensaios em casa, quando recebiam novos convites para as festas não ficavam mais sentados uma música sequer. Pompílio pega na mão da esposa e lá se vão os dois para o meio da pista se misturar aos outros casais.

Os ritmos do Brasil que envolvem Rocio para dançar têm origem no solo nordestino. Mas também possuem versões distintas em outras regiões do país, como

¹ E os vencedores são:

² Foi algo bem, bem lindo, que me marcou muito. Adoro dançar, muito, muito. Eu sou feliz dançando!

³ Gordo, não é difícil!

⁴ Sim, eu só estou olhando.

no Rio Grande do Sul. O sertanejo universitário é sinônimo de empolgação para ela. Não consegue ficar parada sempre quando escuta uma música do gênero sertanejo. Outro estilo musical que trazem a alegria interior que a Salsa lhe proporciona é o Forró.

No salão de beleza, enquanto diminui o comprimento dos fios de uma menina, avisa um senhor que ele já pode passar na salinha de tratamento capilar. Pompílio, no balcão do caixa, marca o horário para uma senhora que pretende tingir os cabelos, no dia seguinte. Os cochichos entre as mulheres se misturam com as gargalhadas de outras e com o som da televisão de quarenta e duas polegadas. Na tela, sempre está passando notícias, novelas ou um *playlist* de músicas caribenhas. Entre os clientes que frequentam o lugar, a maioria são brasileiros, mas o número de imigrantes de países vizinhos é bastante alto.

Já tem aqueles que são fiéis, que aprovaram o trabalho exercido pelas mãos estrangeiras e não trocam por nada. Nem para ingerir o almoço os proprietários conseguem parar. Tem dias que a manicure não almoça. Apenas toma café da manhã antes de ir para o salão. Depois, vai fazer outra refeição completa apenas na janta, porque durante o meio dia tem horários marcados. Chega perto das doze horas e Rocio e o marido sentem o estômago roncar. Desembrulham um pedaço de pizza cada um e almoçam ali mesmo, sentados no sofá de espera das clientes. A alimentação, no salão, envolve tudo o que for mais prático e que leve menos tempo.

Na Colômbia, não estavam habituados a ingerir esse tipo de comida. Refrigerantes, enlatados e *fast foods*, praticamente inexistiam nas refeições deles. Rocio sente falta dos sucos naturais, pois era comum encontrar em qualquer lugar de Ibagué. Enquanto come a pizza pergunta ao marido:

- *Gordo, será que no tiene un bar que hace jugo natural aqui no calçadão?*⁵

- *Sí, pero solo tiene en una lancharia, de naranja, que yo sei*⁶. *O resto solo vende suco industrializado* - responde o marido.

- Nem se compara com a variedade que tinha na Colômbia. Aqui em Santa Maria parece um sacrifício fazerem suco natural. Fala a esposa, indignada, mastigando o pedaço de pizza.

⁵ Gordo, será que não tem um bar que faz suco de laranja no calçadão?

⁶ Sim, mas só tem em uma lancharia o de laranja, que eu sei.

Na Colômbia, a essa hora, ela estaria tomando um prato de sopa, alimento que não pode faltar em nenhuma das refeições, no país. Para os colombianos, um almoço sem sopa, não é almoço. E a regra se repete também para as outras refeições. Cada dia se elabora uma sopa diferente. O sabor nunca se repete durante a semana. É sopa de verduras um dia, no outro é de massa, de *cuchuco*⁷, de trigo, ou de couve flor. O segundo prato também varia, e o arroz sempre está presente. Rocio costumava fazer vagem picada com carne moída, salada de alface com tomate, cebola, frango assado, ou frito, carne assada ou frita. As refeições eram compostas por alimentos com os nutrientes necessários para ter energia durante o dia.

O café da manhã na Colômbia é igual a um almoço para os brasileiros. Para dar início ao desjejum, pega uma laranja e uma bergamota para fazer um suco leve. Depois, entra em ação o preparo da primeira refeição do dia. Pega uma panela grande, funda e enche com água. Corta em cubos pequenos algumas batatas e desossa uma costela de vaca. Coloca os ingredientes na água fervendo e acrescenta mais dois ovos. Durante a fervura do caldo, Rocio pega o pacote de *Arepas*⁸ e o pote com chocolate caseiro que ela mesma preparou, e os coloca sobre a mesa.

Já o lanche dos colombianos é um alimento pelo qual as mulheres, em especial, são apaixonadas: o chocolate. Mas chocolate feito por eles mesmos, não comprado pronto. A colombiana pega do armário o cacau em barra, e o coloca dentro de uma panela. Adiciona leite, cravo e canela. Mexe com uma colher de pau até o chocolate desmanchar e virar uma mistura homogênea pastosa.

*-Hmmm...Se queda delicioso!!*⁹. Diz ela, com água na boca ao lembrar. Entre uma refeição e outra, um bolinho semelhante ao pão de queijo brasileiro, chamado de *Almojabanas*¹⁰, acompanha o chocolate feito em casa. Nas tendas e nos barzinhos vendem muito, o bolinho feito com massa de milho, bastante queijo, ovo e leite.

Porém, quando se trata de sobremesa, a colombiana é modesta. Não costuma preparar doces semelhantes aos de confeitaria, que levam horas de labor. Mas não porque seja adversa a colocar a mão na massa, e sim, porque desde criança, sempre teve água na boca por doce de leite e gelatina.

⁷ Sopa com caldo consistente à base de milho.

⁸ Massa de pão feito com milho moído ou com farinha de milho pré-cozido utilizado nas culinárias populares e tradicionais da Colômbia.

⁹ Hmmm...fica delicioso!!

¹⁰ Tipo de pão que leva queijo na massa.

Misturamos gelatina com creme de leite, com vários sabores. De sobremesa o que nós mais comemos é gelatina. Outro doce que conquista o paladar de Rocio é o romântico Romeu e Julieta. Nós gostamos muito de fazer a goiabada bem mole e misturar com creme de leite ou queijo.

O casal sentado perto da janela, comendo pizza, há vinte anos conversava nas cadeiras do quiosque no bar Los Lagos, em Ibagué, enquanto bebia suco de graviola com leite. Pompílio e Rocio se conheceram ainda quando eram menor de idade. Ela tinha quatorze anos e ele dezesseis. Do alto da janela de casa, o adolescente observa os passos, o chacoalhar de corpo, a forma de cochichar das garotas que deixam a porta da escola. Sempre quando o sinal toca, ele corre para admirá-las.

No meio de tantas saias, cabelos esvoaçantes e risos, um olhar foi ao encontro do seu. A pele cor de cuia do rosto do garoto fica rosada. Os olhos pequenos e escuros, levemente puxados, cabelos negros e curtos, lembra os ameríndios latino-americanos. Já a responsável por fazer seu coração palpitar mais forte, é uma mocinha cuja delicadeza remete ao charme de uma florescência de Ipê rosa. Seu jeito dissimulado e o olhar atrevido provocam uma reação instintiva no moço. Ele, de súbito, desce as escadas e vai ao encontro da sua amada com olhar semelhante ao de Capitu, do escritor Machado de Assis. Perto da parada de ônibus, aproxima-se dela e cria coragem para se apresentar:

- *Hola! Yo me llamo Pompílio. Puedo saber cual es tu nombre, señorita?*¹¹

- *Sí. Rocio*¹².

Sem saber o que fazer com as mãos e o que falar, a jovem abre o mesmo sorriso que o levara a descer as escadas. No mesmo instante, o menino lhe faz um convite:

- *Quieres venir conmigo a dar un paseo en el bar? Me gustaria mucho conocerte*¹³.

- *Bueno. Yo me voy, pero tengo que volver a mi casa antes de que oscurezca*¹⁴.

E lá se vão os dois, para o local sugerido por Pompílio. Árvores, coqueiros e pequenos quiosques de palha contornam o bar Los Lagos. O canto dos pássaros se entrelaça ao som da folha dos coqueiros balançando com a brisa do final da tarde.

¹¹ Olá! Eu me chamo Pompílio. Posso saber qual é o seu nome, senhorita?

¹² Sim. Rocio.

¹³ Queres vim comigo dar um passeio até um bar?

¹⁴ Está bem. Eu vou, mas tenho que voltar para minha casa antes que escureça.

Quando sentam nas cadeiras, miram para o horizonte, o sol está se preparando para se despedir de mais um dia.

- *Mira eso!*¹⁵ *Aponta com o dedo, o jovem.*

- *Óh! Eres increíble el paisaje que se tiene acá!*¹⁶ *Fala a menina com encanto.*

Em seguida, cada um pede um suco de graviola com leite. Entre goles e trocas de olhares, os dois vão se conhecendo. Permanecem no bar até o sol desaparecer no horizonte. Rocio olha para o relógio de pulso e já são quase sete horas da noite.

- *Madre de Diós! Tengo que volver hasta mi casa!*¹⁷.

Ambos se despedem e combinam de conversar no dia seguinte. A mesma cena se repete diariamente durante mais de um ano. Dos encontros na saída do colégio, começa a nascer uma amizade que vai sedimentando os tijolos para a construção de um amor que os uniria, tempos depois. Os dois se conheceram em Ibagué. Ele era de Armero, uma antiga cidade da Colômbia, que foi sepultada por causa da erupção do vulcão Nevado del Ruiz. Um ano antes de o vulcão entrar em erupção e acabar com a cidade, meu marido havia se mudado para Ibagué. Quando nos conhecemos, começamos uma amizade que durou quase dois anos. Depois, começamos a namorar.

Assim, começam a viver uma paixão secreta. Indo contra os pais, que salientam a importância do estudo, mas à favor do seu amor, Rocio continua a se encontrar com Pompílio. Os pais da jovem discordam da sua escolha, porque querem que ela se dedique aos estudos.

- *Hija, usted está en la etapa de estudio, y no de coquetear!*¹⁸ *Fala o pai.*

- *Pero, padre es que!*¹⁹...

- *Una datación ahora solo le hará perder tiempo en los estudios!*²⁰ - responde o pai, sem deixar a filha concluir a frase que ia dizer.

Sem receber apoio e aceitação, a menina decide se encontrar às escondidas com Pompílio. Dos encontros diários, os laços de amor entre os dois vão ficando cada vez mais fortes. Até que, um dia, o garoto deseja formalizar o namoro e se apresenta para o pai de Rocio. Vai até a casa dela, cumprimenta educadamente o futuro sogro,

¹⁵ Olha isso!

¹⁶ Oh! É incrível a paisagem que tem aqui!

¹⁷ Mãe de Deus! Tenho que voltar para minha casa.

¹⁸ Filha, você está na fase de estudar, e não de namorar!

¹⁹ Mas pai, é que...

²⁰ Um relacionamento agora só vai fazer você perder tempo nos estudos.

e pergunta se pode namorar sua filha. Mais uma vez, a resposta que os dois escutam é negativa:

- *¡No! Ustedes dos deben estudiar ahora. No tienen nada que permanecer citas²¹.*

A mãe, que está na cozinha, sai do cômodo e intervém na conversa. Coloca-se no lugar da filha, pois já foi jovem um dia, e como conhece o temperamento do marido, tenta explicar-lhe:

- *Querido, ella tiene que coquetear, porque así es la vida. Entonces, es mejor que él venga aquí, y que ellos se quedan juntos en nuestra casa²².*

Aos poucos, o pai foi se acostumando com a ideia de que a filha teria um namorado. Durante um ano, os jovens se conhecem mais a fundo, um frequentando a casa do outro. Do convívio, nasce um companheirismo que os levaria a enfrentar, anos mais tarde, a situação mais dura de suas vidas. Quando a moça de cabelos negros e olhar de Capitu fez dezoito anos, teve a mão pedida em casamento.

Durante os três anos de namoro, ela avalia o rapaz, seus valores morais. Pompílio convida Rocio para almoçar com ele, para jantar em restaurantes e bares de Ibagué. Aproveitam a vida noturna juntos, vão à barezinhos escutar música e a festas em boates, como amigos. O convívio saudável convence ambos de que um completa o outro. O rapaz está decidido a conversar com o sogro e diz que quer ser o homem da vida de sua filha:

- *Me puedo casar con Rocio? Usted aprueba nuestra unidad?²³*

Agora, após tanto negar e insistir nos estudos da filha, o pai está convencido de que ela já é uma mulher feita.

- *Sí. Puede. Rocio ya es mayor de edad, ahora ya es una mujer y sabe de sus opciones.²⁴*

Logo que casam, passam a dividir o mesmo teto. Algum tempo depois, nasce o primeiro filho do casal. A notícia deixa os pais da jovem surpresos e preocupados com o fato de ela ser muito jovem para tamanha responsabilidade.

²¹ Não! Vocês dois não têm nada que ficar de namorico.

²² Querido, ela tem que namorar, porque assim é a vida. Então, é melhor que ele venha aqui, e que eles fiquem juntos em nossa casa.

²³ Posso me casar com Rocio? Você aprova a nossa união?

²⁴ Sim, pode. Rocio já é maior de idade, agora já é uma mulher e sabe de suas escolhas.

- *Hija, yo te guío, te hablo lo que es bueno y lo que es malo, lo que debe y lo que no debe hacer. Pero eres tú que eliges.*²⁵ Avisa a mãe para Rocio.

O acontecimento abrevia a liberdade juvenil da colombiana, transferindo-a para o posto de mãe. Foi complicado, porque eu escolhi ser mãe cedo. Mas não me arrependo, não, porque, tive um bom esposo, tive meus filhos que são uma maravilha de Deus. Aquilo que eu não desfrutei na minha juventude posso desfrutar agora com meu esposo e os meus filhos. Uma coisa recompensou a outra.

O lar para onde vão morar após o matrimônio pertence à mãe de Pompílio. No entanto, como toda vó que tem carinho pelos netos, ela os superprotege. Não permite que se levante a voz com os pequenos. Dar um tapa já é motivo dela intervir na situação. Apesar de ser contrária à proteção exagerada da sogra, a jovem mãe é uma fiel companheira e amiga da avó dos seus filhos. As duas se entendem muito bem, possuem uma relação tranquila e, até mesmo, de amizade.

Quando uma delas sai, leva a outra junto. Vão para festas na casa das vizinhas, nas junções em família, como se fossem mãe e filha. Parecem serem atraídas por um ímã. Porém, decidida a criar os filhos da sua maneira e de ter maior liberdade, Rocio decide junto com o marido deixar a casa da sogra. Não vão para muito longe. Alugam uma casa cerca de cem metros dali. Assim, as inseparáveis companheiras podem se visitar quando bate a saudade.

Não permanecem no local por muito tempo. Os donos da casa alugada pelo casal decidem vendê-la. Logo, precisam sair dali o quanto antes. Passam a economizar cada centavo que recebem até conseguirem comprar uma casa própria. O dinheiro que juntam para ter um teto próprio nasce do suor do trabalho de Rocio e do marido. O pão de cada dia é conquistado através da venda de roupas em Ibagué, mas que são compradas em Medellín, cidade das melhores fábricas de confecções da Colômbia. A venda não se confina entre quatro paredes de um local fixo. Depende, sobretudo, da procura e necessidade dos bancários, seus clientes fiéis.

Todavia, foi a vaidade e o amor pela formosura, em especial, a dos fios de cabelos, que deram origem ao emprego que iria fazer parte por muitos anos de sua vida. Na adolescência, quando Rocio tinha doze anos, já cortava os cabelos de todos da casa, do pai e dos irmãos. Mal sabia ela que um dia iria se sustentar através do

²⁵ Filha, eu te oriento, te falo o que é bom e o que é ruim, o que deve e o que não deve fazer. Mas é você quem escolhe.

corte e cuidado com o cabelo de outras pessoas. Depois de casada, a colombiana decide fazer um curso de beleza e estudar sobre o assunto. A partir daí, escovas, pentes, tesoura, secador de cabelo, shampoo e condicionador são as ferramentas que, durante vinte e um anos, ajudam-lhe a conquistar o sustento para a criação dos filhos.

Com o dinheiro que recebe do trabalho de cabelereira é que compra a casa nova, no condomínio Fuente Real. Mas, para a surpresa e decepção do casal, ficam ali apenas por dois anos. Porque, em seguida, a família se vê obrigada a abandonar tudo. A vinda para o Brasil não estava nos seus planos. Jamais pensaram que algum dia teriam de deixar a Colômbia. Aliás, não tiveram escolha. Foi a única alternativa que encontraram para que pudessem permanecer todos com vida.

Desde que começaram a viver juntos, até quando os filhos se tornaram adolescentes, levavam uma vida modesta e feliz no seu país. Quem a vê, nem desconfia de um fiapo do que a teria levado para cá com o marido e os dois filhos. Fica uma dúvida no ar: Como ela veio parar aqui? O jeito do marido, ao falar com estranhos, ainda demonstra o medo, a desconfiança. Reservado, sem levantar os olhos de trás do balcão, ajeita o dinheiro e os papéis no caixa.

Pompílio recebe as pessoas que entram no La Colombiana e calcula o pagamento dos serviços. Quem o conhece, à primeira vista, tem a sensação de que se trata de um homem quieto, tímido, talvez. Mas se engana quem pensa que é um homem assim por natureza. Houve um momento decisivo na sua vida, em que ele e a família correram risco de morte e que o fez desconfiar até mesmo da própria sombra.

Vivos por um triz

Tudo começou em 2005. Circunstâncias que mais parecem cenas de um filme de ação e drama. Nessa época, Pompílio é motorista de caminhões tanque que transportam petróleo de uma Petroleira de Ibagué, onde moravam, até Villa Vicencio, nos Llanos Orientales, na Colômbia. Durante o trajeto, sempre se depara com membros de grupos guerrilheiros da Colômbia, como as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), o Exército de Libertação Nacional da Colômbia (ELN) e os paramilitares. Qualquer pessoa que viaja por ali é obrigada a dar carona

aos integrantes dos grupos armados. É preciso leva-los até onde eles desejam. Negar é sentença de morte.

Desse modo, todos são vítimas e submissos ao terrorismo. De um lado, os guerrilheiros das FARC exigem carona. Alguns quilômetros adiante, são os paramilitares que solicitam o mesmo favor. Beneficiar um dos lados e deixar que os adversários saibam pode significar o fim da vida do motorista. Pompílio avista um grupo de homens na beira da estrada e para o caminhão. Sobem quatro integrantes das FARC que percorrem uns dez quilômetros acima da traseira do veículo, até fazerem sinal para o motorista parar novamente. O condutor do caminhão aceita dar a carona e os deixa onde querem, pois precisa ser neutro. Jamais poderá demonstrar ser favorável a algum dos lados.

Mas tal pensamento, o de favorecer a ambos, foi a origem dos seus problemas. Os paramilitares se deram conta de que o meu esposo também levava os membros das FARC, e as FARC se deram conta que ele dava carona para os paramilitares. Eles falaram que meu esposo era auxiliar. Era involuntariamente, porque se ele não dava carona, eles o matavam. Com as mãos trêmulas, o rosto estampado pelo pavor e as palavras sussurradas que saem da boca, Rocio lembra do drama vivido pelo pai de seus filhos e com quem enfrentou os maiores perigos de sua vida.

Numa madrugada chuvosa, em que a estrada de chão já não era mais estrada, pois a lama a deixara parecida com uma pista de rali, Pompílio e o amigo Luis, considerado seu irmão do peito, seguem viagem com o caminhão tanque. Entre uma limpada e outra no para-brisa, o motorista vai desacelerando aos poucos. Avistam de longe a traseira de um caminhão bastante familiar, que parece estar escondido ou atolado no mato. Pensam na hipótese de ser um colega de trabalho necessitando de ajuda para seguir viagem, e decidem estacionar ali perto.

No momento em que descem e andam em direção ao outro caminhão no mato, Pompílio bate na porta, e nada. Nenhuma voz, nenhum sinal. De repente, alguns passos adiante, avistam algo que se destaca da vegetação. É um colega de trabalho ensanguentado e sem respirar. Alguém o matara com um tiro na cabeça e outro no peito. A imagem que enxergam diante de si é um aviso para os dois motoristas. Ambos correm risco de morrer a qualquer momento.

Assim que veem o cadáver, saem o mais depressa possível em direção à estrada para voltar aos caminhões e seguirem viagem. Quando embarcam no veículo, três paramilitares apareceram e os interrogam sobre o que estão fazendo ali no mato.

- *Nosotros estábamos orinando, señor*²⁶. Mente Pompílio, com a boca trêmula, tentando esconder o que acabaram de presenciar.

- *Hmm...Nosotros también vamos a orinar*²⁷. Fala um dos paramilitares.

Mas quando os homens armados adentram na vegetação, e enxergam a cena de terror, interrogaram ironicamente:

- *¿Qué está pasando? ¿Qué hay en el bosque?*²⁸ Diz outro paramilitar, tentando intimidá-los.

- *No fuimos en el bosque, señor. Estábamos orinando en el borde de la carretera*²⁹. Insiste o esposo de Rocio.

Depois de anotar a placa de cada caminhão, os combatentes deixam os dois companheiros seguirem rumo.

Passado algum tempo, Luís, o amigo de Pompílio, fala que vai denunciar na delegacia de Ibagué o que eles dois presenciaram. Mas o esposo da cabelereira implora para ele ficar quieto e não denunciar, porque é perigoso para os dois. Dias depois, assustado, e pensando que a denúncia do homicídio seria o mais adequado a fazer, Luís vai até a delegacia de Chicoral, cidade em que abastecem os caminhões. Sem Pompílio saber, conta ao delegado o que presenciaram na beira da estrada em Tolima. Após uma semana, revela para o amigo o que havia feito. Surpreso com a atitude do colega, Pompílio pensa consigo mesmo imediatamente “não podemos ficar assim”, pois está consciente de que, agora, ambos estão ameaçados.

No mesmo dia, o inesperado acontece. Depois da conversa, cada um seguiu para o trabalho. Ao meio dia, marcam de se encontrar em um determinado ponto da estrada, para irem almoçar juntos como de costume. Ao chegar no local, Pompílio vê o carro tanque de Luís estacionado. Mas não enxerga o amigo dentro do caminhão. Caminha na direção dele e, mais uma vez, a cena de terror se repete. Encontra o amigo morto, ensanguentado, de bruços, ao lado do caminhão tanque, da mesma forma que o colega assassinado dias antes.

Em estado de pânico, coloca as mãos na cabeça e grita sem parar:

- *¡No puede ser! ¡No puede ser! Luis, lo que hicieron contigo??*³⁰

²⁶ Nós estávamos urinando, senhor.

²⁷ Hmm...nós também vamos urinar.

²⁸ O que está acontecendo? O que há no mato?

²⁹ Não entramos no mato, senhor. Estávamos urinando na beira da estrada.

³⁰ Não pode ser! Não pode ser! Luís, o que fizeram contigo??

Com lágrimas escorrendo no rosto, deixa o local imediatamente, embarca no caminhão e vai embora.

Após a denúncia do amigo, Pompílio enfrenta acusações de ter sido o autor da declaração do homicídio que presenciou com Luís. As ameaças dos paramilitares aumentam, até que, os seus filhos passam a serem o alvo dos guerrilheiros. Ele e Rocio percebem que já não podem esperar mais nenhum dia. Se permanecerem ali, suas vidas vão ter um fim à qualquer momento.

Para aonde iriam? Isso já estava providenciado. Rocio, durante esse período de ameaças, entra em contato com uma amiga que também trabalha com salão de beleza no Equador e que a apoia na fuga:

- Venga-se Rocio, porque acá estamos necesitando de peluqueros. Venga, la gente le ayuda, la gente colabora. No te quedas más ahí, es un peligro!!³¹

Se despedem da casa e da pátria às quatro horas da manhã. Numa madrugada quente, que anuncia a chegada da primavera, em setembro de 2007, a colombiana, o marido e os dois filhos, ajuntam as trouxas e embarcam num ônibus de linha. Levam consigo somente algumas peças de roupa, o resto, abandonaram. Ficam sem fechar os olhos um instante, até o fim da madrugada. Os filhos assustados, não entendem o que está acontecendo. Perguntam aos pais para onde estão indo.

- Nosotros vamos al Ecuador, hijos³².

Não tiveram outra escolha, deixaram a casa que recém haviam comprado, familiares e amigos para trás. Tudo em busca de segurança para se manterem os quatro com vida. O lar, que conquistaram através da economia de cada centavo que ganharam com o trabalho de Pompílio e das mãos de Rocio, agora, ficaria intocável. Seria invadido pelo mofo e por cupins, corroído pelo tempo. Não disfrutamos muito da casa. Moramos lá no máximo por dois anos, porque foi aí que começaram a acontecer os problemas. Recebemos ela novinha, novinha, e, dois anos depois tivemos que deixar ela. A gente deixou tudo na Colômbia, casa, carro, tudo ficou lá.

Quando colocam os pés em solo equatoriano, são acolhidos pela amiga do casal e permanecem na sua casa por alguns dias. Em seguida, Rocio começa a trabalhar no salão. Alugam um quarto para acomodar a família e começam a economizar todo o dinheiro que recebem. O marido, através de um amigo, consegue

³¹ Venha Rocio, porque aqui estamos precisando de cabelereiros. Venha, a gente te ajuda, a gente colabora. Não fique mais ali, é um perigo!!

³² Nós vamos para o Equador, filhos.

emprego em uma petroleira no Equador. Após dois anos vivendo na nova nação, já estão acomodados e decidem que vão ficar morando lá, porque é perto e dá para ir visitar a família.

Só que, mais uma vez, a tranquilidade e o sossego estavam com os dias contados. As ameaças não os deixam em paz por muito tempo. Em um dia normal de trabalho, perto do meio-dia, Pompílio vai a um restaurante para almoçar. Quando sai do local, na calçada, percebe que está sendo perseguido. Três homens armados com semblante familiar cuidam cada passo do motorista. Desconfiado, ele também os cuida com um canto do olho. De repente, escuta-se o som de dois disparos secos, que ecoam pelas ruas da cidade.

Ao ver os homens sacarem as armas, avista um contêiner de lixo a sua frente e se atira atrás dele. Foi graças à própria agilidade, que ele sobreviveu. Naquela hora, por ser momento de pique na cidade, uma viatura da polícia equatoriana está circulando e observa o que acontece ali na rua. Chegam perto da vítima e perguntam o que está acontecendo, se está tudo bem com ele. Decidem leva-lo à delegacia para depor.

Na ocasião, o marido de Rocio conta tudo, desde o início, o que passou nos últimos tempos e esclarece que está sendo perseguido pelos paramilitares. Salaria também que, os homens que tentaram mata-lo, são os mesmos que anotaram a placa do carro tanque dele e do amigo lá na Colômbia. Os policiais falam para o homem perseguido que esses grupos guerrilheiros possuem conexões entre fronteiras e, por isso, descobriram que ele estava no Equador.

O colombiano chega em casa bastante assustado e abatido. Relata à família que tinha sofrido um atentado. Avisa o chefe que, naquela semana, ele não vai trabalhar nas áreas mais retiradas e vai trabalhar apenas na cidade mesmo. Os policiais que acolhem Pompílio aconselham-no a entrar em contato com a ONU, para colaborar com a família. Nós procuramos o escritório da ONU que ficava lá e eles nos entrevistaram. Explicamos toda a história. Os integrantes da congregação da Organização das Nações Unidas contam que tem um país disposto a recebe-los, a Grécia. Mas vai demorar três meses para eles poderem ir para lá, sendo que precisam sair dali rápido, o quanto antes.

Sugerem para a família, a congregação da ONU do Brasil no Equador. Ali, fazem uma entrevista com o casal, explicam aspectos sobre o país, como o idioma, o clima e a cultura. Dentro de uma semana conseguem o passaporte para saírem do

Equador e ir para o Brasil. Novamente, fazem as malas, em busca de uma vida mais segura. Mal haviam se acostumado com o novo país e já cruzaram com a morte outra vez. Não pensaram nas dificuldades de adaptação e nas diferenças que teriam de enfrentar.

Querem apenas viver longe de ameaças. Num lugar onde não sejam perseguidos por paramilitares e qualquer outro tipo de grupo armado. Na região do Brasil que os recebe a chuva se nega a cair. O solo bebe água raramente. Adentrando o continente nota-se uma situação pior ainda. A educação carece de um olhar mais profundo, e a comida não enche a barriga dos seus habitantes. Vão para o Nordeste. Iniciam a vida nova em uma cidade turística, cujas praias embelezadas por coqueiros acompanhados da areia branca e da presença da água azul da cor do céu, torna-a um verdadeiro paraíso.

Logo que colocam os pés em Natal, Rocio sente ir embora o fardo de preocupação e insegurança que carregou até ali. Todos estão leves, com sorriso estampado no rosto. Abraçam-se acariciando os braços e o rosto um do outro. “Nós ainda estamos juntos, e vamos permanecer assim”. Uma lágrima escorre no rosto de Pompílio, que, com a voz embargada pelo choro sufocado, fala para a família:

- *Ustedes son la cosa más importante que tengo en la vida!*³³

Todavia, a alegria de viver em terras longe de grupos armados e sem receber ameaças não dura muito tempo. Os filhos começam as aulas em uma escola estadual. Mas, com o pouco dinheiro que as pessoas que mantêm a escola de pé recebem, é difícil ter motivação para trabalhar. Por isso, os professores entram em greve quase todo mês. Há períodos em que os filhos de Rocio, Jéssica, de onze anos, e Jeferson, com dezesseis, vão para a escola somente dois ou três dias. Assim, como vão crescer como cidadãos? O que vai ser deles sem o estudo básico?

Se não bastasse o ensino enfraquecido que recebem na região, ainda sofrem com a ausência de médicos e vagas para quando estão adoecidos. Os trabalhadores dos hospitais também cruzam os braços de tempos em tempos, como forma de protesto à falta de recursos. A pobreza do lugar não só traz fissuras à saúde da população, mas também às oportunidades de ganhar dinheiro. Dessa forma, incontáveis meninas, moças e mulheres vendem o corpo, o prazer sexual para terem

³³ Vocês são a coisa mais importante da minha vida!

o que comer. Moleques partem para o roubo, sem estudo, sem ter uma porta onde trabalhar, mais fácil é pegar sem devolver aquilo que os outros têm.

O choque com a realidade do local é menor do que a diferença de idioma e as dificuldades de se comunicar com os nordestinos. Seguido Rocio troca palavras, ou diz sem saber, palavras que se escrevem iguais no português e no espanhol, mas que possuem significados diferentes em cada língua. Toda vez que fala uma palavra que se escreve igual no espanhol e no português, mas que possui significados completamente diferentes, fica sem graça. Até hoje, no salão, a cabelereira volta e meia diz algo, sem querer, que a deixa encabulada. Como um dia em que estava ao telefone conversando com o filho e lhe perguntou em alto e bom tom, no salão:

- Filho, quando é que te vais a pegar la buceta?

Rocio foi se referir ao ônibus em espanhol, e mal passou pela sua cabeça de que se tratava de uma palavra obscena da língua portuguesa. Na ocasião, a manicure comentou no pé do ouvido o que significava, e um vermelhão tomou conta da face da colombiana.

No entanto, a precária educação e o débil sistema de saúde da região falaram mais alto que os enganos com as palavras. Conseguem permanecer ali por cinco meses. Até que, não aguentando mais, decidem pedir socorro à ONU, mais uma vez. Na embaixada das Nações Unidas no Brasil, o casal relata a situação encontrada no Nordeste, e diz que quer se mudar para uma região melhor. Para a alegria deles, indicam-lhes uma das regiões mais privilegiadas do país.

No estado em que vão migrar, alemães e italianos chegaram sem nada. Tiveram que plantar a tiro e colher a laço, como se costuma falar ali. Mas, hoje, apresenta uma vida mais digna aos seus habitantes. Nele, o frio é o ator principal. As cenas do inverno atraem visitantes do Brasil inteiro, para o Rio Grande do Sul, a nova terra de Rocio. Foram justamente as baixas temperaturas que mais fizeram a colombiana sofrer, quando chegou ao estado. Assim que adentrou no solo gaúcho, uma gripe tremenda invadiu seu corpo, o que não acontecia lá na Colômbia, nem no Equador e tampouco no Nordeste.

Do outro lado do mapa brasileiro, no entanto, o sotaque se assemelha mais ao da terra natal da família colombiana. “São eles (ONU) que te dizem para onde ir. A gente não sabe para aonde nos levam. Ficamos com os olhos fechados e eles simplesmente falam lá é assim, se chama assim, e vai ser de tal forma”. Mas, tiveram sorte dessa vez. A cidade que os recebe possui um clima estudantil e é rodeada por

montanhas. Nela, rostos jovens, fardas militares e sotaques misturados dominam as calçadas. Agora, os estudos não serão mais um problema para os filhos da colombiana. Ali fica a segunda maior Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Universidade Federal de Santa Maria, além de outras instituições privadas.

Com relação às temperaturas, a cidade universitária não é nem um pouco generosa. No verão o calor intenso chega próximo aos 40°C com frequência e, no inverno, as temperaturas caem, atingindo 0°C. Desse modo, a saúde de Rocio custa até se adaptar. Chegam em Santa Maria no final do inverno, e mesmo assim, ela se torna vítima do frio. Na casa concedida pela ONU, no bairro Tancredo Neves, a única forma de se aquecer é esfregar as mãos nos próprios braços. Com saudades do clima tropical de Ibagué, ela comenta com o marido sentado no sofá da sala:

- *Gordo, que frío hace acá! Madre de diós!*³⁴

- *Sí. Eso que es el fines de invierno, Rocio. Imagina se nosotros teníamos venido antes?*³⁵

- *No, ni quiero pensar!!*³⁶

- *En Ibagué la temperatura más baja era veinte grados*³⁷...

No lar que recebem da ONU, não há fogão à lenha, muito menos lareira. A casa de material não possui lustres de cristais, acabamento em gesso, nem móveis feitos sob medida. Mais parece um ambiente fabricado em série, em formato padrão, com o mínimo necessário. Dois quartos, um para o casal, o outro para os filhos, uma cozinha, sala e banheiro. Dois sofás para ver televisão, uma cama de casal, duas de solteiro. Dois guarda-roupas, fogão, geladeira e banheiro completo. Esse é o novo lar deles.

Além de dar um teto para viverem, a ONU faz um papel de mãe, de fada madrinha. Dá um auxílio para refugiados durante o período de um ano, até eles encontrarem um emprego e começarem a se virar. O casal, portanto, não precisa tirar nenhum centavo do bolso para pagar o aluguel, e também recebe cento e cinquenta reais por mês para matar a fome de todos.

Conscientes de que uma hora a ajuda chegaria ao fim, Rocio e Pompílio colocam os pés fora de casa e a mão na massa. Na procura por emprego, ela

³⁴ Gordo, que frio que está aqui! Mãe de Deus!

³⁵ Sim. Isso que é final do inverno, Rocio. Imagina se nós tivéssemos vindo antes?

³⁶ Não, nem quero pensar!!

³⁷ Em Ibagué a temperatura mais baixa era vinte graus...

consegue voltar para perto dos secadores de cabelo e ele para perto do volante. Com o labor remunerado no salão de beleza Novo Visual e o dinheiro da condução do caminhão no frigorífico, eles conseguem o sustento da família. Mesmo com a carteira assinada, a colombiana não abandona a vontade de ter o seu próprio negócio. Os dois vão juntando suas economias, para dar um passo de cada vez rumo à realização do sonho de Rocio.

Compram uma coisa de cada vez. No primeiro mês, são as cadeiras do salão. No outro, os balcões. Depois, os secadores, escovas de cabelo e o lavatório. Ao final de um ano, quando a ONU avisa o casal de que devem andar com as próprias pernas a partir daquele momento, o salão La Colombiana quase estava prestes a ser inaugurado. Eu escrevi um projeto para a ONU, dizendo que eu era cabeleireira, que a gente estava montando o nosso próprio salão e que nós queríamos fazer um empréstimo, e eles aceitaram nos emprestar o dinheiro necessário que faltava.

Moram no T. Neves por três anos, até comprarem seu próprio apartamento próximo do centro da cidade. O marido permanece com as mãos ao volante transportando cortes de animais durante seis anos, até 2014. Abandona a condução do caminhão para dar uma mão à esposa. Agora, o que ocupa as horas de Pompílio são calculadoras e máquinas de cartão de crédito. Monitora o dinheiro que entra e sai do caixa do salão. Calcula as finanças da família enquanto recebe os clientes. Passou de motorista a administrador. Assim, poupam os gastos em pagar mais uma funcionária e mantém tudo sob controle.

Jéssica não pode me ajudar aqui no salão, porque ela estuda. Começou a fazer cursinho pré-vestibular e a fazer aulas particulares de reforço para química e matemática. Ela quer ser veterinária. Rocio lhe dá apoio nos estudos e aproveita a companhia dela nos finais de semana, quando as duas encontram um tempo livre. Vão ao cinema e preparam pratos colombianos juntas para o almoço. Na metade da semana, Jéssica já questiona a mãe:

*- Mami, mami, en el domingo, lo que vamos a preparar?? Tenemos que pensar en algo!*³⁸

*- Jajajaj...Sí Jessica querida. Yo quiero hacer el arroz misto, mi plato preferido!*³⁹

³⁸ Mãe, mãe, no domingo o que vamos preparar? Temos que pensar em alguma coisa!

³⁹ Risos...Sim, Jéssica querida. Eu quero fazer o arroz misto, meu prato preferido!

Chega o domingo e as duas entram em ação. Rocio abre mão das escovas e secadores de cabelo para conduzir as panelas no fogão. No rádio que fica na estante da cozinha, Jéssica coloca um CD com músicas latinas, Cumbia e Salsa, que em castelhano significa “tempero”, a ideia de uma música com sabor. Como se fosse um ritual para cozinhar, pega os ingredientes e os equipamentos necessários. Panela funda, faca afiada, colher de cabo comprido.

Coloca o peito de frango, o saquinho de ervilhas, a cenoura, a carne de porco e as batatas encima da pia. No tabuleiro, pica o bacon e as carnes em pequenos cubinhos. O mesmo faz com os legumes. Em um pote, coloca o arroz na água, mexe e tira os resíduos que não vão para a panela. Coloca todos os ingredientes em uma panela funda, com água em fogo alto. Deixa ferver, para em seguida colocar o arroz na água.

Enquanto isso, o CD vai girando no rádio, ao mesmo tempo em que Rocio entra no embalo da dança. Começa com um passo para o lado com o pé direito, com abertura do braço para o mesmo lado, e depois, repete o mesmo para o lado esquerdo. Sempre movimentando a cintura e remexendo o quadril. Enquanto cuida das panelas, deixa-se levar pelo ritmo das danças caribenhas.

O aroma na cozinha e o som despertam curiosidade no marido que aparece para ver o que é. Ao mirar mãe e filha empolgadas com a música, o pai puxa a filha para dançar. Com uma mão na cintura dela e a outra entrelaçada na mão da moça, inicia uma sequência de passinhos para a direita e para a esquerda, intercalados com os giros do corpo de Jéssica. Agora, mais parecem estarem num salão de festa.

Após finalizar o Arroz misto, Rocio pergunta ao marido e à filha o que gostariam de comer de sobremesa. A pedida foi o bolo de morango. Ela pega a batedeira, os ovos na geladeira a farinha de trigo e o açúcar. Mede cada ingrediente com colher e xícara. Depois deixa-os misturando por alguns minutos. É hora de ir ao forno a massa de pão de ló caseira, que exala, minutos depois, um aroma de confeitaria apetitoso. Em seguida, a filha ajuda a mãe a cortar os morangos, enquanto as mãos de Rocio dão vida ao recheio. Creme de Leite e Leite Condensado, a combinação perfeita, que também serve para cobrir o bolo.

- *Hmmm...se queda delicioso!!*⁴⁰ *Fala a mãe.*

⁴⁰ Hmmm...fica delicioso!!

Jéssica é especialista em fazer pudim de leite, ao contrário da mãe, que não sabe prepara-lo tão bem. É que a sogra dela é confeitadeira, e ensinou ela a fazer várias sobremesas, bem fáceis e deliciosas. A companhia que dividem na cozinha não permanece somente ali. Rocio faz caminhadas com a filha, vai ao cinema com ela quando sai um filme em cartaz que as duas querem ver.

A culinária da nação de origem enche a boca da colombiana de apetite, as mãos de entusiasmo, e o peito de saudades. Esse sentimento não é sentido por ela, somente. Distante aproximadamente seiscentos quilômetros, o filho Jeferson também sente falta das comidas do país de origem e da família. Ainda mais quando a irmã posta no Facebook pratos que ela e a mãe estão preparando. O rapaz sempre comenta com nostalgia:

- ¡Oh, cómo quería estar allí, no lo hagas! Esperen hasta que llegue allí para Navidad y luego hacemos!⁴¹

Mas, em todos os marços, a família vai para Florianópolis visitá-lo. Ficam uns quinze dias por lá. Jeferson, não nega ser filho de Rocio. Ao pegar as panelas e ficar em frente ao fogão, encarna um verdadeiro chefe de cozinha. Amante da culinária, assim como a irmã, é apaixonado pelo preparo de pratos deliciosos típicos da Colômbia.

Quando estão na casa do cozinheiro da família, os pais e a irmã passam bem. Jeferson não deixa a mãe nem se aproximar das panelas, pois os pais são suas visitas e ele é o cheff de cozinha. Dá início ao ritual do preparo das Arepas recheadas e o peixe grelhado, já que é colombiano, mas mora no litoral. Primeiro, pega o enorme peixe, uma Anchova de cinco quilos e a coloca na pia para tirar as suas vísceras e órgãos. Assim que o animal está limpo, ele pica os ingredientes que vão preencher o lugar em que ficavam os órgãos do peixe. Pega a cebola, o alho, o pimentão vermelho, uma lata de milho, os tomates e um pacote de camarões. Enquanto isso, a mãe sentada na mesa da cozinha, apenas o observa:

- Eres un gran chef de cocina!⁴²

- Sí, mama. Yo aprendí contigo, no te olvides de eso...jajaja⁴³

Rocio sempre prezou pela educação dos filhos em primeiro lugar. O respeito aos mais velhos, foi um ditado que se repetiu desde quando ainda eram crianças. Seja

⁴¹ Oh, como eu queria estar ali, não o façam! Esperem que chegue o Natal e logo o fazemos.

⁴² És um grande cheff de cozinha!

⁴³ Sim, mãe. Eu aprendi contigo, não te esqueça disso...risos

ele transmitido num olhar intimidador, ou numa palavra final. “Eles não são filhos perfeitos, pois como todos, tem os seus defeitos também. Mas graças a Deus, são pessoas bem humildes, respeitosas, carinhosas, nunca me faltaram com respeito. Quando eu falo para eles coisas que eles não gostam, eles ficam quietos e vão para o quarto, não me respondem nada. Nada mesmo”.

Nos momentos em que ela levanta a voz para eles, ou envia um olhar de reprovação, os filhos se retiram no mesmo ambiente que a mãe e se trancam no quarto. Rocio sabe que, em poucos minutos, Jéssica e Jéferson vão se aproximar dela com provocações:

-Ya te pasó el mal génio dona Rocio? Cómo usted está, ainda vai me xingar dona Rocio? No me digas eso, si no me voy embora otra vez dona Rocio⁴⁴.

Sem resistir, a mãe não consegue segurar o riso, e tudo volta ao normal em instantes. Hoje essa cena acontece menos, porque Jéssica já é uma mulher de 20 anos e Jeferson um homem com 27 anos, que já vai ser pai.

Após colocar a Anchova recheada no forno, é hora de começar a fazer as Arepas. Pega do armário o saco de farinha de milho amarela, a pimenta-do-reino branca moída, o alho em pó, o fermento químico, os ovos, a manteiga e o queijo ralado. Coloca todos os ingredientes em uma travessa, e as mãos rechonchudas começam a misturá-los. Amassa de um lado, amassa de outro, até a mistura ficar pronta para fazer as bolinhas. Em seguida, pega presunto e queijo picados para recheá-las. Ao final de tudo, coloca-as numa forma para irem ao forno.

Durante a espera do cozimento, o filho liga o rádio e coloca músicas caribenhas para animar os ares e transportá-los a sua terra natal. Pai e filha se largam a dançar, Jeferson e a mãe fazem o mesmo. A nora de Rocio, que também mora em Florianópolis, fica apenas assistindo à cena, com os olhos e lábios sorrindo juntos.

- Lindo! Lindo! Diz a namorada do filho.

- Agora é a sua vez! Fala Jéssica, dando a mão do pai para a nora dele.

As Arepas, pequenas rodela achatadas e assadas, são um dos alimentos tradicionais e simbólicos da Colômbia. Herança dos ameríndios que viviam no atual território da Colômbia, Venezuela e Panamá, sempre foram um prato típico desses

⁴⁴ Já te passou o mal humor, dona Rocio? Como você está, ainda vai me xingar dona Rocio? Não me diga isso, se não eu vou embora outra vez, dona Rocio.

povos pré invasão espanhola. Rocio, assim como todos colombianos, comia as Arepas no café da manhã, almoço e janta.

Logo que chegou ao Rio Grande do Sul, a comida que estufa o peito e abre o apetite dos gaúchos, ganhou o paladar de Rocio. *Muuuuyy delicioso el churrasco!! Maravilloso! Adoro el churrasco! Allá, la gente hacia la parrillada*⁴⁵. Ao pisar em solo gaúcho e mirar as paisagens e os costumes do povo, veio à sua memória a imagem dos Llanos orientales, uma região da Colômbia que é muito parecida com o sul do Brasil. Nela há muitos cavalos e gado nos campos, pessoas trabalhando em fazendas, e cultivos de grãos. Lá, a carne é colocada em estacas de pau fincadas na terra e assada com uma fogueira.

Saudades de alguns, carinho para outros

Rocio sente falta não só das *Arepas*, das sopas, das *Almojabanas* e do chocolate caseiro. Nem somente de brilhar nos palcos ao som da Salsa. Mas, o vazio maior, a dor da saudades lateja mais por aqueles que deram vida a ela e pelos familiares que ficaram. Aliás, lutou para poder vê-los uma única vez desde que deixara o país. Como agora é uma imigrante refugiada, desde que abandonou a Colômbia, quase foi impedida de pisar no solo em que nascera.

Há seis anos, a colombiana embarcou no avião com destino ao funeral da mãe. A causa nobre ultrapassou o medo dos riscos que ela poderia enfrentar ao tomar a decisão. Com o coração na mão e um nó na garganta, Rocio desembarca sozinha no aeroporto de Ibagué. Olha ao seu redor com calma, e avista de longe dois guardas na fila para pegar as bagagens. Ali, pedem os documentos de cada pessoa que circula pelo aeroporto. Ao perceberem que Rocio Oviedo Franco é uma colombiana refugiada no Brasil, um deles aciona a polícia. De repente, pegam seus braços, colocam para trás do corpo e passam as mãos para dentro das algemas:

- *Estás atrapada! Vamos*⁴⁶.

- *No soy una criminal! ¿Por qué haces esto a mí?? Puedo explicar*⁴⁷...

⁴⁵ Muito delicioso o churrasco!! Maravilhoso! Adoro o churrasco! Lá, a gente fazia a parrillada.

⁴⁶ Está presa! Vamos.

⁴⁷ Não sou uma criminosa!! Por que estão fazendo isso comigo?? Posso explicar...

A colombiana, que voltou para a terra natal para dar adeus ao corpo da mãe, já sem vida, passa uma noite atrás das grades. Cansada, sentindo-se sem forças para lutar, Rocio desaba. Lágrimas brotam de seus olhos sem parar. Quando cessa o choro, pega no sono e acorda na manhã seguinte. A mãe já está sendo enterrada, enquanto ela permanece ali à espera da resposta dos policiais e guardas do aeroporto. Os homens investigaram seus documentos e o histórico da cabelereira durante a noite. Um guarda chega e abre a porta da cela de Rocio:

- *Estás libre. Usted puede seguir el curso*⁴⁸.

Sem murmurar uma palavra, sai de cabeça baixa rumo à saída do aeroporto. Embarca num táxi e vai para a casa dos pais. A essa hora, o caixão com o cadáver da mãe já estava embaixo da terra. Ao chegar no local do enterro, sai do táxi e vai em direção ao pai. Abraça-o com força, passa as mãos nas suas costas, como forma de consolo da perda da mãe. Vê os irmãos e faz o mesmo. Rocio permanece na Colômbia por uma semana e depois, volta ao Brasil para tocar a vida em frente.

A mãe, ela nunca mais viu desde o dia em que iniciou a fuga para o Equador. Naquela ocasião, o desespero assolou os pais e os sogros de Rocio. Não faziam a mínima ideia do que havia acontecido com os quatro, imaginaram que todos estavam mortos.

Sem ter notícias de Rocio, Pompílio, Jeferson e Jéssica, os outros familiares já haviam perdido as esperanças. Foram cerca de cento e oitenta dias sem ouvir a voz, sem vê-los e nem saber como e onde estavam. Partiram sem deixar rastros e nem pistas de onde pudesse estar. Minha sogra quase morreu de tristeza e preocupação, porque ela não nos encontrou quando foi até a nossa casa. Mas, quando colocaram os pés em terra firme, deram sinal de vida. Somente após seis meses é que telefonaram para a família, avisando que estavam no Equador.

Rocio e o marido ligam para os pais. Avisam que não estão mais morando na Colômbia. Ao ouvir a voz da mãe, sente um aperto no coração e a saliva desce em seco na garganta:

- *Hola, mama! Soy yo, Rocio*⁴⁹. Fala a colombiana, com lágrimas nascendo nos olhos.

- *Hija!! Donde están vosotros???*⁵⁰

⁴⁸ Estás livre. Pode seguir o rumo.

⁴⁹ Olá, mãe! Sou eu, Rocio.

⁵⁰ Filha!! Onde estão vocês???

- *Nosotros no estamos más en Colombia, mama. Ahora estamos bien lejos, pero todos bien, todos con vida*⁵¹.

Os filhos de Rocio também conversam com os avós para tranquilizá-los. Não mantiveram contato com a família antes desse período, porque necessitavam de máxima segurança. Quanto menos pessoas soubessem onde estavam vivendo e se estavam vivos, melhor seria para eles. Agora telefonam mais seguido, mandam e-mails e conversam por meios virtuais com o restante dos familiares.

Hoje, passados oito anos desde que foram recebidos por Santa Maria, Rocio olha para trás com certa nostalgia. Sobretudo, da família, que não pode mais vê-la com a mesma facilidade que antes. As pessoas do mesmo sangue, os amigos, os costumes, as comidas típicas da Colômbia, tudo ficou no passado. Fugir do país mesmo sem ter ideia do que o futuro lhe reservava, do que poderia acontecer, foi a única saída que encontrou para sobreviver ao lado daqueles que são sua razão de viver, os dois filhos e o marido.

O apego aos bens materiais, a busca por riqueza e luxos, nunca fez parte de sua vida. Muito menos agora, depois de quase perder o marido e correr o risco de ter a própria vida e a dos primogênitos abreviada à qualquer hora. A saudades dos pais e do restante da família, e as dificuldades de adaptação foram o preço pago para viverem longe da perseguição. O que Rocio mais quer na vida é tranquilidade. Poder sair na rua sem se preocupar em estar sendo vigiada. Pensar que Pompílio e os filhos estão seguros e vivos ao seu lado.

Maior foi o alívio da colombiana, ao receber a informação de que os integrantes mais influentes da guerrilha, dos Paramilitares, alguns deles morreram nesse período e outros foram extraditados para os Estados Unidos. Mas, mesmo que esse grupo tenha sido reduzido, suas raízes envenenadas permanecem vivas.

Na Colômbia a gente perdeu tudo. Aqui não temos riquezas, mas pelo menos aqui nós temos tranquilidade, que é o mais importante. É algo que não se compra com o dinheiro a tranquilidade e a paz. Então, eu estou feliz aqui. Agora, graças a Deus tudo está bem.

⁵¹ Nós não estamos mais na Colômbia, mãe. Agora estamos bem longe, mas todos bem, todos com vida.

5.2 Do arrame farpado ao labirinto de roupas

Cabides, centenas deles. Araras e mais araras com calças pretas. Outras só com calças marrons. Umas com apenas casacos de lã de cor vermelha, rosa, azul escuro, bege, marrom. Próximo delas, mais cabides com blusas de meia estação, de malha. Mais parece um labirinto de roupas. Ao lado das estruturas que sustentam os cabides, um balcão de vidro com uns dois metros de comprimento cheio de lápis, canetas em potinhos, borrachas, cadernos e agendas para vender.

Já são às cinco horas da tarde, e entram duas senhoras reclamando do frio.

- Nossa, hoje o frio está mesmo tenebroso!

- Sim, a solução é se agasalhar bastante.

Esfregando as próprias mãos uma na outra, uma delas diz que gostaria de ver os casacos de lã. Cinco minutos depois, mais uma mulher chega, com a filha, querendo ver calças de veludo. A funcionária mostra as cores, espicha as calças no balcão, passa a mão para mostrar o quão quente é o tecido. Em seguida, uma menina entra no local para comprar lápis. Fátima e a funcionária não dão conta. A proprietária telefona para o marido que está em casa, no escritório:

- Alô! Habibi, você pode vir até a loja, agora? Estamos com bastante movimento, preciso que você venha aqui me ajudar.

- Já estou indo - responde Abdel.

A sala comercial aparenta já ter sido reformada, devido às marcas do tempo. O ambiente é predominado pelo cinza, pois o espaço é isento de claridade, e a cor predominante dos tecidos ali dentro são os tons neutros. Roupas com estampas, cor de rosa choque, laranja neon, verde limão, aquelas mais vivas, não são bem-vindas ali. O público que mais frequenta o local são mulheres de trinta anos pra cima.

Na parede dos fundos, prateleiras sobem até o teto, ocupadas por roupas dobradas. Duas manequins antigas vestem casacos de lã batida, um rosa claro e o outro bordô. Trabalham ali apenas duas senhoras. Naquele espaço enorme, povoado por tecido e material escolar, uma delas atende um cliente, enquanto a outra limpa os vidros da porta, que dão de frente para a Rua Serafim Valandro. Do outro lado da rua, na esquina, fica a loja de chocolates que fisga o estômago e o olhar das pessoas que passam pela frente dela. Uma cascata de chocolate estampa a vitrina.

Passa uns quinze minutos e o homem aparece. Fios de cabelos grisalhos, cinza claro, na altura do pescoço, recobrem sua cabeça. A barba com cavanhaque e bigode

da mesma cor emolduram os lábios fartos, e a pele lembra a cor de caramelo. Os olhos negros e pequenos parecem duas gotas deitadas. Aparentam ser de um homem que sofre por dentro, alguém que passara por situações capazes de tirarem o brilho dos seus olhos.

Ao ver o marido, Fátima logo lhe fala:

- Habibi⁵², atende essa mocinha pra mim, faz favor?

- Claro. Diz ele.

A menina que aguarda para comprar o material escolar vai direto ao balcão de vidro. Abdel lhe pergunta o que gostaria de ver, e a menina fala que eram os lápis.

- Você tem preferência por algum deles? Pergunta com jeito paternal.

- Pode ser esse aí, o verde - responde a menina.

O homem de cabelos e barba grisalha se abaixa e apanha o lápis. As mãos grandes, que tocam o lápis, com unhas aparadas e pele com sinais do tempo, são as mesmas mãos que, outrora, articulavam os arames farpados perto do muro, na fronteira da Palestina, há cinquenta anos. Ao ver a menina agradecida e ir embora com o sorriso no rosto, veio à sua cabeça a imagem de quando tinha a sua idade, na época do colégio.

Antes de o sol nascer, o menino já estava de pé para percorrer os quatro quilômetros na estrada de chão batido que o levaria até a escola. Pega o bloquinho de folhas grampeadas e o estojo de madeira e coloca-os embaixo do braço. Olha pela janela do quarto e se depara com a chuva. Seria uma má notícia para alguém que não tivesse guarda-chuva, nem bicicleta, muito menos carro. Mas para Abdel, isso não era problema. Nem motivo para desanimar, muito menos para ficar em casa. Coloca as botinas de borracha, iguais àquelas usadas pelos agricultores, e pega uma capa de plástico para se proteger da chuva.

Ao sair pela porta, começa a trilhar os passos até o colégio. Precisa chegar lá antes das sete e meia da manhã, horário em que o sino da escola sempre toca, avisando que a aula vai começar. No meio do caminho, a terra se transforma em barro, e os buracos em poças de água. A chuva não perdoa e cai sem trégua. Abdel chega à escola e percebe que poucos centímetros do tecido que reveste o seu corpo estão secos. Os cabelos, se espremidos, enchem um copo.

⁵² Tratamento carinhoso em árabe, sinônimo de amor.

O garoto da sexta série que quer ser professor assiste as aulas sem piscar os olhos, imaginando-se anos depois, vestido com o mesmo terno e gravata que o seu professor usava naquele momento e falando várias línguas como ele. Esse era o sonho de todas as crianças palestinas naquela época, porque professor lá é uma profissão muito valorizada e bem conceituada. Eles são bem respeitados pelos alunos e pela sociedade. Era considerado como um médico aqui. A maioria dos colégios árabes são de meninos e meninas separados. Porque a religião islâmica impõe normas de vida para separar os dois sexos, tanto que os colégios até o segundo grau, a maioria são separados.

No colégio tem um campinho de vôlei e um de futebol, um timezinho de cada. Chega a hora do almoço e as crianças que moram por perto deixam a escola, vão para casa almoçar com os pais. Mas Abdel fica ali, pega o lanche que está no saquinho junto com o bloco e dele tira o pão sírio com queijo que sua mãe lhe havia preparado. Senta em um pedaço de tronco de árvore às margens do campinho para comer. Permanece na sala de aula até às cinco horas da tarde, horário em que terminam as disciplinas. Agora, teria que percorrer de volta os mesmos quatro quilômetros de baixo da chuva, resvalando no barro e se esquivando das poças.

Aos poucos, vai se aproximando da aldeia Shuqba, na província de Ramalla. Nela, mora com a mãe e os quatro irmãos. De longe, já é possível ver as pequenas plantações de oliveiras, cerejeiras, figueiras e trigo espalhadas pela região. As montanhas vão contornando a terra situada à vinte quilômetros do litoral da Palestina e povoada pelos dois mil palestinos que ali construíram as suas casas de pedra. O lar dos palestinos assemelha-se aos castelos de histórias infantis. As casas são amplas, quadradas, feitas com pedras moldadas em formato de retângulos que se encaixam perfeitamente. Nas delgadas ruas de chão batido, o esgoto circula tal como as artérias no corpo humano.

Na Palestina, ao contrário do Brasil, Abdel nunca enxergara um indivíduo dormindo ou morando na rua. “Diferente daqui, lá todo mundo tem casa, tem cama para dormir, tem o que comer, ninguém dorme na rua, nem em cidade pequena nem nas grandes. Todos têm sua casa própria. Isso traz uma paz social para as pessoas”.

Senhoras carregam vasilhas com água na cabeça, outras guiam os burros e cavalos para o mesmo fim, enquanto cruzam o caminho de Abdel. Todas elas com o mesmo destino, a torre que sustenta uma enorme caixa d’água que abastece os moradores. Em toda a cidade não se enxerga nenhum carro, nenhuma bicicleta. Só

um ônibus que faz a linha para a cidade de Ramalla, a Capital, que leva pessoas que precisam resolver ou comprar alguma coisa.

Como já é final de tarde, está anoitecendo e o menino encontra os camponeses que voltam do seu dia árduo de trabalho em meio às plantações. Muitos deles estão voltando de terras que ficam no horizonte, já outros deram apenas alguns passos em direção ao terreno atrás de casa, em que cultivam pequenas plantações. Está na época das safras, por isso o garoto se depara com dezenas de agricultores voltando dos campos de cultivo. Os camponeses, nesse período, costumam fazer mutirões para se ajudarem nesse período de labor árduo.

No centro da aldeia, Abdel passa pelas tendas de frutas. Fica com água na boca ao olhar para as cerejas lustras que estão na carroça. Um homem magricelo com a pele tostada pelo sol grita:

- Oh, cerejas!! Aqui, venham!

Damascos, laranjas, figos e uvas deixam o lugar ainda mais apetitoso. Os vendedores ambulantes, durante o dia, ainda têm fôlego para oferecer seus produtos esvaziando os pulmões. Mesmo tendo percorrido de cinco a oito quilômetros, com um burro, a trotes lentos, na noite anterior. Muitos deles vão para as aldeias próximas comprar legumes e frutas que não são cultivadas em Shuqba. A irrigação nas terras vizinhas, fruto dos poços artesianos na região, possibilita o cultivo de couve-flor, repolho, quiabo e cenoura, que são trazidos pelos vendedores ambulantes.

Mas, a falta de energia elétrica faz com que o menino compre uma quantidade suficiente para ser consumida no mesmo dia. Caso contrário, como iria conservá-las? Na sua casa não tem geladeira, nem qualquer outro eletrodoméstico. As cerejas estão maduras demais e não podem permanecer ao ar livre por muito tempo. Além das frutas, as tendas vendem café e chás. O último é uma das paixões dos palestinos. Abdel aproveita e leva um pacote de chá preto indiano, o seu preferido.

Sempre que chega uma visita em casa, a mãe oferece uma xícara de chá, assim como os nativos da região brasileira onde Abdel mora atualmente oferecem uma cuia de chimarrão. O chá preto Indiano é o mais consumido, e as outras ervas servem apenas para decorar o lar. Na família do menino, como em todas as outras da Palestina, a bebida natural é tomada de manhã, de meio dia e de noite, acompanhadas por folhas de sálvia e de hortelã.

Ao chegar da escola, decide tomar banho, mas é preciso economizar, já que a água não é farta ali. Com um pequeno balde joga água no seu corpo, aos poucos. De

pijama, na sala, escuta o rádio junto da mãe e dos irmãos. É hora da novela preferida da família. Um silêncio absoluto toma conta do ambiente e todos ficam atentos escutando cada fala, cada ato dos personagens. A caixa preta que funciona à bateria ou à pilhas, com os autofalantes embutidos, faz a alegria do lar.

As emissoras de rádio falavam idiomas de diversos países e pegavam várias estações. Era o encanto de ouvir, de se comunicar com o mundo e ver o que estava acontecendo. Era um lazer também, porque a gente ouvia música, novelas. As pessoas se juntavam e sentavam perto do rádio e ele começava a fazer o show. Os homens preferiam escutar as notícias do mundo.

Depois de um longo dia de aula, Abdel vai para a cama. Deita ansioso, pois o dia seguinte era final de semana, dia de brincar com os amigos. Pela manhã, faz o desjejum. Toma uma xícara de chá preto indiano e come um pedaço de pão sírio que a mãe fez, com coalhada e mel. Da janela da cozinha vê os companheiros de futebol correrem atrás da bola que vai quicando no chão batido da rua, e chamam pelo seu nome. Abdel! Abdel! Vamos, que o jogo já começou!! Mais um gole de chá indiano, e pronto. Sai preparado para uma longa partida que vai se estender durante horas a fio.

A bola com que jogam não é igual àquelas utilizadas pela seleção na Copa, nem parecida com as que os jogadores de hoje usam. A falta de recursos, para os meninos palestinos, dá espaço à criatividade. Cada um traz de casa um pedaço de pano velho. Juntos, vão se entrelaçando até formarem camadas, para dar vida à bola de futebol do grupo.

Quando muito, alguém ganhava uma bola de borracha, que durava uma semana mais ou menos, e depois ela já se arrebentava. Daí tínhamos que voltar para o nosso nível, com a bola de pano. De tarde, a diversão dos meninos seria jogar bolita e fazer brinquedos com arame farpado.

Ao lado do muro que divide as terras de Israel daquelas da Palestina, os jovens catam pedaços de arame descartados da cerca colocada pelos militares israelenses. Com uma alicata, Abdel corta vários pedaços ideais para construir o seu carro, que, na verdade, só tinha um volante.

A pobreza e a simplicidade não são motivos para os meninos deixarem de sorrir, muito pelo contrário. Como não possuem nenhum brinquedo pronto, eles mesmos são os autores de seus brinquedos e, assim, podem dar vazão à imaginação. De longe, começam a ouvir o som de buzinas. Alertas, como se fossem bombeiros incumbidos para uma missão, largam os pedaços de arame e o alicate. Saem

correndo de volta para o centro da aldeia. Para a alegria deles, é uma das pessoas mais bem-vindas naquele povoado: o tio dos picolés.

O dia está no auge do verão, faz 25°C em Shuqba, a temperatura máxima registrada ali. A caixa de isopor na motocicleta guarda a guloseima que faz os filhos insistirem ao ponto de chorar para que as mães lhe deem uma moeda para comprar o sonhado picolé. As crianças ficam uma atrás da outra, numa fila que parece não ter fim. Em questão de uma hora, a caixa fica vazia e o vendedor se despede da aldeia.

As crianças aproveitam a época para comer o picolé durante o dia, porque dentro de pouco tempo estarão iniciando o mês do Ramadã. Chega o dia 20 de junho no Oriente Médio, e todos os muçulmanos começam o ritual. Na casa de Abdel não é diferente. Desde o nascer do sol, até ele se pôr, não se pode comer, beber, fumar, fazer sexo e pecar. O ritual religioso acontece o mês inteiro e é sempre um motivo de reunir a família.

O menino, assim como todos os da sua aldeia, ficou o dia inteiro sem comer desde às cinco horas da manhã até às sete horas da noite. Mas agora já é madrugada do dia seguinte. A mãe, durante a tarde, não mediu esforços na preparação de deliciosos pratos árabes. Fez uma remessa de Couscous Marroquino, pequenos bolinhos feitos com grãos semelhantes a ervilha, as sêmolas de trigo e com farinha. A dona de casa mistura tudo e amassa com as próprias mãos. Coloca temperos e legumes picados. Depois, coloca-os para cozinhar em molho de carne, pois devem ser cozidos no vapor. Os bolinhos vão se passando, semelhante ao sistema do café nas cafeteiras italianas.

O segundo prato que decide fazer é a Virada. Pica cenoura, couve-flor, berinjelas e pega as ervilhas. Faz o arroz normal. Cozinha um frango em molho. Em seguida, pega cada ingrediente e coloca em camadas numa panela. Uma camada de arroz no fundo da panela, outra de legumes frango em molho, depois uma camada de legumes cozidos no vapor. Repete isso até a panela ficar cheia, e por fim, vira ela em uma bandeja. Desse modo, cada pessoa que for se servir, pegará um pouco de cada condimento.

Na medida em que todos na aldeia dormem em sono profundo, três moradores pegam um tamborim cada um e começam a fazer barulho. Passam de casa em casa, nas janelas, gritando:

- Acordam! Já são às quatro horas da manhã!
- Vocês só têm mais uma hora para poder comer e enfrentar o dia em jejum!

Ao passarem na casa de Abdel, a mãe acorda e salta da cama. Vai de pijama até o quarto do menino que já está de pé se trocando de roupa:

-Filho, vai chamar o vovô e a vovó, a tua tia e os teus tios para virem aqui. Avisa eles que hoje o jantar vai ser aqui em casa!

-Sim, mamãe. Já estou indo.

No dia seguinte, a junção para comer seria na casa de outro familiar. É dessa forma que encaram o mês do Ramadã. Todos chegam e se reúnem vozes de adultos e crianças, conversas, elogios ao banquete e risadas que pairam pelo ar. A casa da família se transforma num lugar de encontro, pois ali, primos, tios, avós, netos, compartilham o mesmo prazer. Sobre a mesa está a Virada, os bolinhos de Couscous Marroquino, pães sírios e recipientes com molho de quiabo, berinjela, ervilha e fava.

Também complementam o cardápio dois vidros de azeite de oliva produzidos pela mãe e pelos tios de Abdel. No Oriente Médio, é um dos ingredientes mais tradicionais. Cada família possui uma plantação de oliveiras no lote atrás de casa, a qual rende uma produção de azeite de oliva para o ano inteiro. Assim, na cozinha das casas, é comum encontrar um barril de azeite. Ao mesmo tempo que desfrutam do apetitoso banquete, agradecem Allah pela fartura.

A grande lição disso é passar fome pra sentir a dor que a fome pode causar, para compartilhar com os pobres, aqueles que não têm o que comer. As pessoas ficam esse tempo todo rezando, fazendo caridade para os pobres. Convidam familiares e pessoas mais necessitadas para quebrar o desjejum às sete horas da noite. As senhoras donas de casa, enquanto os maridos vão trabalhar na lavoura, ficam preparando pratos tradicionais para o encontro de madrugada. Mesmo aqueles que não têm condições para preparar comidas sofisticadas, a necessidade permite lhes inventar. “Dizem que a necessidade é mãe da invenção”.

Na loja, Fátima acaba de atender as duas senhoras e vai conversar com o esposo. Passa a mão no rosto dele e pergunta como foi o seu dia.

- Trabalho e mais trabalho. Diz ele

- Aqui na loja deu bastante movimento. Tive bastante trabalho também - responde a mulher.

Ao contrário de Abdel, Fátima é mais aberta. Talvez seja pelo fato de ela ter nascido no Brasil, e ter vivido aqui, mesmo sendo filha de palestinos. Já ele não. Sua cultura foi abandonada por causa da fuga. Uma escolha para se manter vivo ao lado da mãe e dos irmãos, já que o pai estava no Brasil.

O jeito de falar com as pessoas, devagar, em bom tom, desmente a primeira impressão, a de um homem triste. Trata-se de uma pessoa reservada, que mede as palavras que fala, mas não porque queira ser assim. Na verdade, faz parte da sua própria cultura e do passado sofrido. Hoje, ele é um homem politizado, defensor árduo da causa de seu país de origem que, na verdade, nem existe mais, geograficamente.

Uma das maiores mágoas que carrega consigo é imaginar que a região berço de toda a sua família, lugar em que ele nasceu e foi criado, jaz sob os escombros de bombardeios e disputas territoriais. Desde os meus cinco anos o meu pai deixou a família pra vir ao Brasil, em busca de uma nova vida, novos horizontes, estabilidade econômica, melhores condições pra gente.

O menino, que adorava brincar de bolitas e criava os próprios brinquedos, foi criado pela mãe, juntos dos irmãos e com a ajuda dos tios que faziam o papel de pai. Na hora de comprar o sorvete, Abdel recorreu a um de seus tios para pedir uma moeda. Tio, me dá dinheiro pra comprar um picolé? Toma, filho. Qualquer coisa que você precisar pode perguntar, não tenha medo. Ah, antes que eu me esqueça, Abdel, dê um pouco de milho para as galinhas lá de casa, faz favor? O menino agradece e sai correndo, com o sorriso de orelha a orelha.

Em casa, a mãe prepara um dos pratos prediletos do filho: berinjelas e folhas de parreira recheadas. Coloca em ação o seu companheiro de cozinha, o rádio, para escutar notícias sobre o avanço do exército israelense sobre a região. Com uma faca, corta um tubinho redondo e tira o miolo da berinjela. Faz isso com umas vinte. Em seguida, coloca água para ferver e cozinhar o arroz. Pega um pedaço de carne e pica em pequenos cubinhos. Coloca-os numa panela com cebola, alho e pimenta preta.

Depois, pica os tomates para colocar junto e dar origem ao molho. O molho da carne começa a surgir. Pega as berinjelas e coloca-as em cima dele para cozinhaem no vapor. Por último, assim que o arroz, o molho com a carne e as berinjelas estão cozidos, pega cada um dos legumes e recheia eles com arroz e carne em molho.

O mesmo faz com a folhas de parreira. Pega as folhas de parreiras bem novinhas, que ainda não estão verde escuras, e ferve-as numa panela com água. A seguir, coloca a mistura que foi utilizada para as berinjelas e enrola as folhas como se formassem pequenos charutos. Anos mais tarde, mesmo idosa, morando no Brasil, a mãe de Abdel continuou a preparar comidas árabes para a família. De repente, as mãos param de enrolar os charutinhos de parreira. Fica estática, com os olhos arregalados. Acaba de escutar que os soldados de Israel atacaram a aldeia vizinha.

No mesmo instante, o menino chega em casa ainda com o sorriso nos lábios e vai para o pátio que fica entre a sua casa e a do tio. Passa pelos pés de laranja, de cerejeiras e de oliveiras. Olha o burro pastando na grama na companhia das vinte ovelhas brancas que fazem o mesmo, e chega no galinheiro. Joga uns punhados de milho no solo e entra em casa. Vê a mãe com cara de preocupada e pergunta o que houve.

- Filho, nós vamos ter que deixar a aldeia o quanto antes!

- Mas o que aconteceu, mãe?

- Os militares, eles já invadiram a aldeia vizinha e atearam fogo nas casas, dispararam contra quem viam pela frente. E eles não vão ficar satisfeitos, filho. A nossa aldeia está em perigo e nós estamos correndo risco de morte. Eu nunca presenciei os massacres dos judeus aos palestinos, mas a gente sabe por quem presenciou. Dizem que os soldados judeus, quando viam uma senhora grávida, por exemplo, matavam e abriam a barriga dela, fazendo aposta sobre o sexo do bebe, se era do sexo masculino ou feminino. Ninguém se arrisca a esperar eles chegarem.

De noite, a mãe vai até a casa da irmã e pede para que o marido dela faça uma viagem de táxi para ela e os filhos no dia seguinte. Está decidida. Eles vão para a Jordânia. No dia seguinte, apenas com a roupa do corpo, embarcam no táxi e se despedem da casa de pedra, em formato quadrado, semelhante a um castelo, assim como todas as outras daquele país.

Durante a viagem, aviões cortam o céu sob a aldeia, barulho de tiros, bombardeios ensurdecem os ouvidos e deixam o coração palpitando mais forte. O medo e a apreensão tomam conta de todos no carro. Abdel olha pela janela no carro e vê dois aviões se cruzarem no céu. De repente, ao fundo enxerga uma nuvem de poeira gigantesca se erguer da terra. Com os olhos arregalados e a boca cerrada pelo espanto, o menino não consegue entender o porquê de tudo isso.

Mais adiante, na fronteira da Cisjordânia com a Jordânia, o motorista avisa que ali é uma região de bombardeios intensos e trocas de tiros. Tanques de guerra aparecem no caminho. Soldados israelenses estão espalhados por toda parte. Ficam num fogo cruzado entre os ataques aéreos e o avanço do exército israelense. São ouvidos disparos e ele pede para que todos saiam do carro e corram para dentro da vegetação na beira da estrada. Entre folhas e caules, ficam abraçados, sem fôlego e acocados para tentarem se proteger. A viagem de terror mais parece cena de filme de

ação, de guerra. O som de tiros diminui e eles correm de volta para o carro. Seguem o trajeto que ainda tinha alguns intermináveis quilômetros.

Em seguida, atravessam a ponte do Rio Jordão que liga a Palestina à Jordânia. Na mesma noite, o concreto que conecta os dois países seria destruído. Ficaram o dia inteiro, praticamente, dentro do táxi e saindo dele para se esconder dos ataques militares. Em solo jordaniano, Abdel, a mãe e os quatro irmãos ficam na casa de uns familiares do motorista do táxi, que já estão na Jordânia. Chegam assustados, famintos e sem energia para falar sobre qualquer assunto. Com a garganta seca e o estômago apenas contendo a bile, pedem água e comida. As articulações dos joelhos doem, e as pernas parecem mal sustentar os corpos devastados pelo terror.

O que o jovem, agora com dezesseis anos, mais deseja, é colocar a cabeça no travesseiro e desacelerar a respiração, diminuir os batimentos cardíacos e acordar no dia seguinte. Iria tentar voltar aos estudos para completar o Ensino Médio no outro dia. Mas, sem conseguir pregar os olhos e compreender o que estava acontecendo com ele e com a família, permaneceu na cama com o olhar fixo para a janela do quarto. Pensava consigo mesmo e se questionava: minha casa está ocupada, alguns familiares meus ficaram para trás lá com os israelenses. Outros fugiram comigo. E meu pai está no Brasil. Por que de tudo isso???

No rádio da casa, os adultos escutam com os ouvidos colados nele notícias nada propícias para ter um sono tranquilo. Os moradores da região também vivem o medo e a insegurança da guerra. Precisam saber o que aconteceu, se teve avanço de Israel nas proximidades. Mesmo tendo cruzado o Rio Jordão, que tivera a ponte bombardeada na mesma noite em que fizeram a travessia, ainda não estavam em paz. Como todas as guerras mundiais, para nós era uma guerra, a guerra em que perdemos a nossa pátria.

Durante a primeira semana na Jordânia, ficaram na casa dos conterrâneos. Depois, foram viver junto com outras centenas de palestinos, dividindo o mesmo teto, num campo de imigrantes refugiados. Para conseguir comida para a família, Abdel entra na fila quilométrica e recebe uns pedaços de pão sírio e água. Todos os dias a mesma cena se repete na hora de fazer as refeições.

No colchonete da grossura de um dedo, o jovem senta e ascende o lampião ao lado com um fósforo. Pega o livro de física e começa a ler. O garoto costuma estudar à noite, na hora em que todos estão em sono profundo, pois é o momento em que há

mais silêncio no abrigo. Mas é preciso respirar longe da sua fonte de luz, porque qualquer sopro mais forte acaba com ela.

Assim vivem durante três anos na Jordânia, até Abdel terminar o Ensino Médio. O pai já estava longe da família, no Brasil, desde que o menino tinha cinco anos de idade. Tomou a decisão para garantir à esposa e aos filhos melhores condições de vida, juntar um dinheiro e enviar para eles. Tinha em mente voltar para a sua pátria e viver com a família novamente. No entanto, a guerra entre a Palestina e Israel se agravou a tal ponto que, essa ideia não seria mais cogitada por ele.

Eu fugi com a minha família para a Jordânia antes dos judeus ocuparem a minha aldeia em 1967. Dois dias depois eles entraram em Shuqba. Muitos da minha família ficaram lá, porque não queriam abandonar a sua casa, o que era deles. Tiveram que se submeter às ordens do regime militar israelense. No lugar das aldeias dos palestinos, fizeram grandes assentamentos para abrigar os imigrantes judeus que chegaram.

Na loja, depois de conversar com a esposa, Abdel pega o livro Manifesto Comunista, de Karl Marx, sociólogo o qual segue as teorias e defende com unhas e dentes. Em meio às páginas, os escritos da obra remetem à época em que era estudante universitário e integrante da UNE, na Itália. É nesse período que começa a se tornar um cidadão mais politizado.

Descobrimo o Ocidente

Abdel percebe que já está na hora de ir em busca de um lugar ao sol. Conversa com a mãe e diz que quer cursar a faculdade de medicina. Mas na Jordânia, não tem o curso. Mas não perde as esperanças. Entra em contato com um jovem conhecido de sua cidade, que está na Europa há algum tempo. Escreve-lhe uma carta perguntando como é a vida na região, quanto que um estudante gasta para viver e como que se faz para ingressar em uma universidade. O amigo lhe orienta, avisa que é necessário apenas fazer uma prova sobre a língua do país para poder cursar a faculdade.

Como já está vivendo na condição de imigrante refugiado, não pensa duas vezes. Mãe, eu quero muito cursar medicina na Europa! Filho, você tem que ir em busca do seu futuro. Os dois se abraçam, ela lhe dá um beijo na testa e Abdel sorri

com os olhos cheios de água. Dias depois, Abdel embarca para o Velho Continente. Sem planos de ficar na Jordânia, com medo dos militares israelenses, a mãe decide partir com os outros filhos para o Brasil e ficar ao lado do chefe da família.

Ao colocar os pés no avião, os olhos do jovem palestino se arregalam, as mãos suam frio e o corpo estremece. Jamais vira uma estrutura tão imponente diante de si. Atravessa o corredor cercado de poltronas e escolhe o lugar para sentar. Assim que o gigante metálico levanta vôo, o jovem palestino olha para a janela com o coração apertado e um nó na garganta. Um turbilhão de pensamentos toma conta de sua cabeça. Os momentos de terror vividos ao lado da família durante a fuga para a Jordânia. A saudades do pai que não via há quinze anos. As palavras sinceras e de conforto ditas pela mãe antes dele partir.

Os pés balançam de nervosismo, e ele mal imagina que o país para onde se dirige, tem a forma geográfica semelhante ao calçado que está usando. Uma botina. Fica se perguntando como vai fazer para se comunicar com as pessoas ao pisar em solo italiano. Em que lugar vou morar? Como é a cidade em que vou viver? E a faculdade, será que irei gostar? Dúvidas e mais dúvidas. Por um lado, Abdel está contente, com expectativas para começar uma nova etapa da sua vida. Mas, por outro, a diferença cultural, o idioma e a adaptação lhe causam medo.

O piloto avisa os passageiros que já estão em território Europeu. Minutos depois, sobrevoam o solo em formato de bota, e o jovem sente a adrenalina invadir o corpo outra vez. No aeroporto de Roma, ao desembarcar, é tomado pela sensação de solidão e desorientação. Mais uma vez, surgem as incertezas. Como vou sair de Roma para ir até Perugia? Com que meio? De que jeito vou comprar a passagem? Onde pego o trem? Em que lugar vou parar? Morar em que lugar? Como? Ficar nos hotéis, mas sem ter dinheiro pra isso? Decide perguntar a um guarda no aeroporto.

A gente passa medo. É assustador pra um estrangeiro, porque ele calcula só o lado bonito da coisa, de ver prédios, mas depois chega lá e tem que encarar a realidade. Porque você não está indo pra ficar três ou quatro dias pra fazer turismo, ver o Coliseu, o Vaticano e voltar. Assim que chega em Perugia, o imigrante, da mesma forma que um grupo de palestinos que estavam no voo com ele, decide ficar por dez dias em um hotel sem nada de luxos, o suficiente para dormir e o que ele pode pagar.

Logo o dinheiro termina, e Abdel conversa com imigrantes que já estavam lá, que lhe sugerem morar em uma casa de família. Durante alguns meses, fica morando

na casa de dois idosos que sempre estão de portas abertas para receberem estudantes estrangeiros. Ainda me lembro bem deles. Ali, recebe não apenas as necessidades básicas como comida e água para tomar banho. Mas é tratado como se fosse um membro da família, um filho. Os velhos conversam com o rapaz sempre que o enxergam em algum cômodo da casa e, nas horas vagas, ensinam-lhe a língua italiana.

- *Vieni qui, ragazzo, parliamo un po' . Devi imparare la lingua italiana, per progredire nei tuoi studi!*⁵³ Fala o senhor da casa.

O jovem se dirige até ele, na mesa da cozinha, ao lado do fogão à lenha. Com modos paternais, o velho pega um livro antigo de gramática italiana, que ainda possui expressões utilizadas hoje e inicia as explicações. À noite, o hóspede é convidado para ver televisão na sala junto com o casal. Sentam-se no sofá como se fossem uma verdadeira família. No final de semana, aos domingos, sempre fazem um churrasco reunindo os filhos e netos.

- *Oggi avete il pranzo con noi, figlio!*⁵⁴ Fala a senhora para Abdel.

Na mesa, durante o almoço, o jovem fica com os olhos brilhando, contentes de emoção em se sentir parte daquela calorosa família de italianos. Foi uma experiência encantadora essa, ser recebido por uma família, dentro do próprio lar deles. Não é qualquer família que recebe. Nesse período em que fica morando com eles, frequenta All'Università per Stranieri di Perugia (Universidade para estrangeiro da Perugia), instituição voltada para os imigrantes que querem aprender o idioma do país.

Para iniciar a faculdade de medicina e os demais cursos, é preciso fazer um teste sobre a língua italiana. Com os dois velhos, Abdel já começa a ter diálogos mais extensos, pois está sabendo mais além do *buon giorno*⁵⁵, como quando chegou no lar. Passados alguns meses, é aprovado para dar início ao curso esperado.

No primeiro dia de aula na *Università degli studi di Perugia*⁵⁶, sai de casa com boas expectativas para dar início a nova etapa. Em frente à instituição, entra com o pé direito. Ao abrir a porta da sala de aula, depara-se com rostos de vários lugares do planeta. Africanos, norte-americanos, iranianos, alemães, franceses, italianos, outros palestinos e árabes assim como ele. Tinha uns mil alunos da Palestina estudando lá

⁵³ Vem aqui, rapaz. Vamos conversar um pouco. Você tem que aprender a língua italiana para progredir nos estudos.

⁵⁴ Hoje você almoça com a gente, filho!

⁵⁵ Bom dia.

⁵⁶ Universidade de Perugia.

na Itália naquele tempo. Logo se aproxima dos que possuem a mesma cultura que a sua. Trocam ideias, conversam até o professor entrar na sala.

- Buon giorno, cari studenti. Benvenuto!⁵⁷ Dá as boas-vindas, o docente.

Mal sabia o imigrante da aldeia de Shuqba que dali em diante começaria uma luta contra as diferenças de idioma. Logo de cara, o professor começa a passar matéria, revisa os conceitos importantes de biologia. As palavras científicas, Abdel não consegue compreender o seu significado. Pede ajuda para o colega do lado, também palestino. Mas assim como ele, o estudante também está se sentindo perdido na explicação.

Em um país que não sabe a sua língua você vai recorrer a um amigo, alguém da mesma etnia, pra te instruir onde é a biblioteca, em que restaurante os estrangeiros costumam comer. O lugar da universidade em que tu vai aprender a língua, como se compra os livros, pra ti ir se encaminhando. Mas mesmo assim, tu sempre vai se sentir um estrangeiro, diferente dos outros, que não consegue falar. Até passar um ano dois, pra ti ficar mais calmo e conseguir falar.

No intervalo da aula, conversam em um grupo de palestinos num bar enorme, localizado no andar térreo do prédio da universidade, chamado de “O Círculo”. Ali, máquinas que servem cappuccino e diferentes tipos de cafés, recobrem os balcões. Pastéis italianos, pizzas e pedaços de bolo ficam na vitrina dos expositores. Acontecia de tudo lá, as pessoas se olhavam, conversavam, paqueravam. Era um lugar encantador pra nós.

Na mesa dos estudantes palestinos, o assunto principal é a dificuldade de entender o que o professor disse, pois a maioria apenas conseguia se virar com o italiano do cotidiano e, mesmo assim, tinha horas em que não obtinham sucesso. Imagina para aprender conteúdos científicos de medicina. Como iriam estudar, ler os livros das matérias? Logo no primeiro dia, sentem o desafio que vão ter de enfrentar para se tornarem médicos.

O ambiente em que fazem o lanche e jogam palavras fora é sempre repleto de idiomas distintos que se cruzam. Em cada canto do bar há um grupo de cada país. Num lado os franceses, do outro os alemães, mais à frente os italianos, o grupo dos paquistaneses, depois os iranianos, e o grupo dos palestinos. Abdel observa o seu entorno, mira os colegas discutirem sobre a aula. Fica com os olhos arregalados e

⁵⁷ Bom dia, caros estudantes. Bem-vindos!

perplexo ao ver homens e mulheres conversando no mesmo grupo. Alguns trocando olhares e carinho. Para ele, aquilo é totalmente proibido, pois jamais tivera contato com alguma menina ou moça no colégio. Na Palestina, indivíduos de ambos os sexos estudavam separados. Um colégio só de meninas e outro só de meninos.

Tamanha liberdade no comportamento, não só chocou o palestino, como ainda o fez enxergar que existe um mundo além daquele que estava acostumado até então. Nesse período de grande impacto cultural, começa a ter uma nova visão à respeito da vida, da religião e sobre política. Depois de ter a família separada pela guerra entre Palestina e Israel, de ter que abandonar o próprio lar e correr risco de vida, viver anos em um campo de refugiados com condições básicas precárias, Abdel desperta para um interesse político sobre a causa Palestina. A gente começa a pensar em termos continentais, e não ficar preso àquela aldeia em que morava.

Nós formamos a União Geral dos Estudantes da Palestina e começamos a atuar politicamente, como os estudantes da UNE fazem aqui no Brasil. O imigrante, junto de seus conterrâneos que estudam na mesma universidade, defende com unhas e dentes que “Um povo expulso da sua terra tem grandes motivos para lutar politicamente!”. Essa é a frase mais difundida em cartazes nas paredes da universidade, dita nos autofalantes e através de cornetas.

Começam a atuar e instruir os outros estudantes do mesmo país a fazerem o papel deles na luta pelo povo palestino. Uma vez por semana o grupo se reúne numa sala com decoração alternativa. Picho nas paredes, com as silhuetas de grandes personagens revolucionários, como Karl Marx, Che Guevara, entre outros. No ambiente, os ares são tomados por palavras de luta, as mesas, por livros e revistas de sociólogos e pensadores. Cada integrante do grupo dá a sua opinião, trocam ideias, e Abdel anota a estrutura final, a síntese da reunião, comunicando a todos.

É das discussões que acontecem ali, que ele e os demais jovens conseguem obter inspiração para fazerem os discursos da União Geral dos Estudantes da Palestina. Comecei a ser militante na OLP, Organização para Libertação da Palestina.

O engajamento na luta política é uma força motriz que move os palestinos do grupo. Mas a dificuldade em compreender a língua italiana é a tormenta que os derruba. Começam as provas, e os estudantes palestinos se juntam para tentarem estudar, no apartamento de Abdel, que agora mora com outros quatro rapazes do mesmo país de origem. Cada um chega e senta ao redor da mesa da cozinha, pegam o livro de biologia humana e começa ali, uma longa e esgotante sessão para traduzir

as páginas escritas em italiano para o inglês. Os sete estudantes se empenham para traduzir, em seguida, as páginas do inglês para o árabe. Nessa época, não existem dicionários com tradução do italiano para o árabe. Somente do italiano para o inglês, e deste para o árabe.

Chega de madrugada e os rapazes já com os olhos secos, piscando de sono sem parar, enxergando as letras duplas, borradas, relutam contra o cansaço para conseguirem avançar na matéria. De repente, Abdel é tomado por um sentimento de derrota, a angústia toma conta de todos ao perceber que levaram sete horas para conseguirem traduzir uma única página. Uma lágrima brota dos olhos de Abdel, escorre pelo rosto e pinga na folha. Os rapazes se entreolham, miram o relógio na parede da cozinha, que marca quatro horas da manhã. Dentro de três horas e meia, todos devem estar na aula. Decidem abandonar o livro e cochilar um pouco. Uns no tapete da sala, outros nos sofás.

Passaram os dois primeiros anos e a gente não conseguia passar em cadeira nenhuma, fazer prova nenhuma, porque não entendia coisa nenhuma. Para eu estar ao nível dos alunos italianos, entendendo tudo, linguagem científica da medicina, isso era um trabalho extremamente difícil. A gente estudava cinquenta vezes mais que um italiano. Se os estudantes palestinos levavam em média sete horas para traduzir uma página, e o professor dava vinte páginas por aula, então, a gente viu que ia se formar em 20 anos.

Nunca vamos nos formar. Nunca vamos conseguir, pensavam eles. Chega a hora das tão aclamadas provas, que eram oral. O professor começa a chamar em ordem alfabética cada aluno para ir na sua frente e explicar o assunto que ele lhe perguntava. Mira o índice do livro de biologia e lança a pergunta. Os alunos italianos se saem bem, conseguem articular as frases com facilidade, mesmo nas perguntas em que não têm certeza, e saem contentes.

Mas, chega a hora dos palestinos, e a cena é completamente diferente. As perguntas que sabem qual é a resposta, esforçam-se para explicá-las. Já se ficam em dúvida ou não lembram do conteúdo, sentem-se constrangidos, acuados. Baixam a cabeça e simplesmente falam “no lo sé”, porque não possuem confiança o suficiente no idioma para tentar dissimular. O italiano mesmo não sabendo, começa a enrolar.

Diante das barreiras que encontram ao longo do curso, muitos acabam desistindo. Abdel, durante cinco anos, junta seus esforços para trilhar o caminho rumo a carreira de médico. Todavia, os entraves gerados pela diferença de idioma, mesmo

após avançar no conteúdo, iniciava uma cadeira mais complexa, que exigia maior domínio da língua italiana.

Termos científicos e frases com linguagem mais rebuscada se tornam obstáculos sempre mais difíceis de serem ultrapassados. Roda nas cadeiras mais de uma vez. Pensa consigo mesmo que desse jeito vai levar vinte anos para se formar. O jovem se vê cada vez mais distante do diploma, até que decide entregar os pontos. Após cinco anos morando em Perugia, arruma as malas para ir morar com os pais no Brasil.

Desbravando a nação verde e amarela

Nos ares, o avião de Abdel sobrevoa o território brasileiro e dirige-se para o estado do Cristo Redentor. Ao desembarcar no Rio, o palestino pega um voo para o estado gaúcho em que os pais estão morando. Chega à capital do Rio Grande do Sul e, no aeroporto de Porto Alegre, compra a passagem com destino à cidade de Cruz Alta, que possuía aeroporto em 1975. Fez essa opção, porque o objetivo do rapaz é chegar na cidade de São Francisco de Assis. Mas, como tem apenas passagem de ônibus da capital até a cidade do interior e a viagem leva em torno de doze horas, indo até Cruz Alta de avião, chegaria em São Francisco mais rápido.

De Cruz Alta, o imigrante pega um avião para Santa Maria. Porém, só sabia falar o italiano e o inglês. Opta pelo idioma da Itália e pergunta a um jovem onde tinha uma telefônica. Como somente algumas famílias possuem telefone nas casas, precisa avisar os pais para eles irem até a telefônica de São Francisco. Ao saber que o filho está em Santa Maria, o pai de Abdel decide ir busca-lo de táxi na rodoviária da cidade.

Assim que chega no local, abre a porta do táxi e sai do carro de braços abertos em direção ao filho. O pai não consegue esconder a emoção. A primeira coisa que faz ao ver Abdel é encher-lhe de abraços e beijos. Lágrimas escorrem pelo rosto de ambos. Dá um abraço apertado, passa a mão na cabeça do rapaz e lhe diz:

- Meu filho, agora já és um homem!

A última vez em que os dois estiveram juntos foi antes do pai deixar Shuqba. Na ocasião, o rapaz agora com vinte e cinco anos, era apenas uma criança, com um quarto da idade atual. A saudades de duas décadas vivendo separados, é expressada pelo nó na garganta do pai, pelas lágrimas do filho, pelo afago dos dois. Queria ter

feito surpresa, chegar na casa do meu pai sem ele saber. Quando ele vê eu tô batendo na porta. O planejado era isso, mas o atraso do voo internacional acabou atrapalhando os planos. Eu era o filho que faltava, que estava na Europa, longe. Eu e o meu pai tivemos pouca convivência, porque ficamos sempre longe. Nós árabes somos acostumados a ficar no ninho da família e receber o carinho, o amor o apoio, tudo.

No caminho de Santa Maria para São Francisco, decidem parar em uma churrascaria. Apetitosos espetos de picanha, vazio, galetto e alcatre passavam pela mesa deles. Abdel fica com água na boca e se lembra de como era escassa a carne na Itália, uma vez que o prato principal era a massa. Bah...Eu lá na Itália com aqueles bifezinhos milimétricos. Depois os tios também faziam churrasco, com toneladas de carne. Daí eu tirava foto com o celular e mandava para os meus colegas de lá, “aqui que se come carne, é assim”.

O imigrante chega em São Francisco no início de setembro de 1975. Na mesma semana acontece o desfile do Dia da Independência do Brasil. O recém chegado vai para Santiago com os pais, e se dirigem até a avenida principal da cidade para assistir ao evento. É um dia de temperaturas baixas, os termômetros marcam próximo de dez graus. Um vento gelado indica que, mesmo nos últimos dias de inverno, o frio não vai embora antes da primavera. Crianças do Ensino Fundamental desfilam marchando com a camiseta e a bermuda da escola.

Meninas com carinhas tristes esfregam as mãos nos braços para se aquecerem. Outros alunos demonstram o frio na pele ao tremerem o corpo e estarem arrepiados. O palestino coloca a mão na boca e balança a cabeça. Não acredita que os pequenos são obrigados a sofrerem com o frio por amor à pátria. Com pena e se colocando no lugar das crianças, pensa alto: Por que fazer isso com eles? É um absurdo! E eu fiquei com muita pena deles, que pecado, desfilando pela pátria e sofrendo. Eu fiquei com essa imagem na cabeça. É uma cena que eu nunca esqueci. Tinha também os velhos gaúchos de poncho desfilando naqueles tempos.

Após ler várias folhas do livro Manifesto Comunista, Abdel se levanta da cadeira no escritório da loja e pergunta à Fátima se vai precisar viajar para São Paulo comprar roupas e mercadorias para revenderem no próprio estabelecimento.

- Preciso saber para me organizar com a compra das passagens de avião.
- Sim, Habibi. Acho que daqui umas duas semanas você pode ir.

As compras de produtos para comercializarem na loja Modbel sempre foram realizadas pelo homem da família. Desde que era moço, logo que chegou ao Brasil,

três semanas depois de estar vivendo com os pais em São Francisco, decide viajar para São Paulo à pedido do pai. Na época, diferente de hoje, o meio de transporte para ir até lá era o ônibus.

Na rodoviária de São Francisco, Abdel embarca no ônibus que o faria atravessar o estado de Santa Catarina e Paraná. Na poltrona, senta-se na janela, assim como na viagem da Jordânia para a Itália. Pensa na vida, nas voltas que ela dera em tão pouco tempo. Jamais passou pela sua cabeça que, um dia, estaria sentado ali, indo para o estado mais populoso do Brasil buscar mercadorias para a loja do pai. A viagem parece interminável. Amanhece duas vezes dentro do ônibus, até chegar ao local de destino. São dois dias inteiros sentados numa poltrona, com pausas pequenas para ir ao banheiro e almoçar.

Nos primeiros dois anos que está no Brasil, trabalha junto com o pai na loja de roupas da família e faz pagamentos no banco. Em seguida, pensa em voltar para a faculdade e compra livros de português para estrangeiros. Depois de saber a conjugação dos verbos e de conseguir formar frases com sujeito, verbo e predicado, o rapaz compra livros de cursinho pré-vestibular e começa a estudar no cursinho preparatório para vestibular, Riachuelo. Vai fazer a prova para tentar ingressar na Universidade Federal de Santa Maria. Mas, de novo, percebe que as diferenças culturais, de idioma e de ensino o distanciam da tão sonhada vaga na UFSM. Decide prestar vestibular para a Unissinos, na qual é aprovado e inicia o curso de Engenharia Civil.

Nesse período, surge a oportunidade de Abdel começar a trabalhar e ter a sua independência. Um familiar que é comerciante de roupas tem uma loja sobrando porque abriu uma maior pra ele, e lhe oferece para ficar trabalhando no estabelecimento.

- Abdel, queres ficar cuidando da minha loja? Você pode gerenciá-la do jeito que achar melhor.

- Ah, é o que eu mais quero na vida! diz o rapaz.

Mais uma vez, rende-se e larga os estudos para começar a trabalhar. No início, opta por ajudar o pai. Percebe que as opções são pequenas, que eles não possuem condições de vida o suficiente para viverem tranquilos, pois a lojinha mal dava para sustentar toda a família.

No ano de 1985, o imigrante palestino passa a morar em Cachoeira do Sul, cidade em que começa a trabalhar na sua própria loja de roupas. Ali, conhece a atual

companheira e mãe dos seus cinco filhos, Fátima. Ela também possui descendência árabe. Seus pais vieram da Palestina pelo mesmo motivo que Abdel, por causa da criação do Estado de Israel sobre o território da Palestina. Eu tinha uma irmã que morava lá e quando ia visitar eu conheci a minha mulher. Meu cunhado me ofereceu uma lojinha e eu aceitei. Casei e me estabeleci. Até 1995, esses dez anos de trabalho, eu fiquei em Cachoeira e Alegrete. Depois eu vim pra Santa Maria.

Você imagina: eu nasci numa cidade, depois estudei a oitava e a nona série num outro lugar; o segundo grau já como imigrante na Jordânia; depois fui pra Itália, troquei duas ou três cidades, e depois, no Brasil, já troquei umas dez cidades. Realmente, até agora, eu durmo, acordo e não sei onde eu tô, seu eu tô na Itália, se eu tô em Novo Hamburgo, São Leopoldo, Alegrete. Eu tenho que chacoalhar a cabeça pra saber onde que eu tô. Em que fase da vida eu tô, em que país, em que cidade eu tô. Isso faz parte da vida do imigrante, ele nunca sabe em que local tá e o que que vai acontecer.

Ao contrário do seu pai, que veio para Santa Maria porque já haviam outros palestinos vivendo na região e pela semelhança do clima com a aldeia de Shuqba, Abdel decide ficar na cidade porque ela oferece estudos para os seus filhos. Os imigrantes palestinos nos anos cinquenta sempre tinham o endereço de alguém, ninguém pegava um navio e dizia “eu vou para o Brasil”. Isso trazia a esperança de que eles fossem acolhidos nas casas dos conhecidos pelo menos nos primeiros dias.

Na época em que o pai de Abdel coloca os pés em Santa Maria, palestinos conhecidos lhe oferecem local para dormir dentro de suas casas. Um colchão na sala e um cobertor já é o suficiente para acomodá-lo nos primeiros dias. No dia seguinte, já lhe dão uma dúzia de meias e calças dentro de uma mala. Colocam o preço nas roupas e ele já sai vendendo as mercadorias. Passa de porta em porta e oferece os produtos nas casas dos moradores. A maioria começou a trabalhar no comércio, porque lá na Palestina eles eram agricultores e achavam difícil o trabalho na terra, porque o relevo era de muita montanha e sem solo fértil.

Tempos mais tarde, o filho Abdel abre a loja Modbel, em 1995, na Rua Serafim Valandro. Escolhe a cidade para viver e constituir a família, pois tem a universidade federal e mais oportunidades de estudos para os seus primogênitos. Em casa, além de pai, é professor. Senta ao lado dos dois meninos e das duas meninas que estão no Ensino Fundamental e abre o caderno com eles. Lê a lição de casa e os ensina a fazer os exercícios dados pela professora. Com uma visão ampla da vida, Abdel tenta

ser não apenas criador dos filhos, mas um educador e amigo deles. Dá todo o suporte necessário para tirarem notas boas, paga-lhes colégio particular e fiscaliza os estudos.

Nas horas vagas dos filhos, leva-os para um curso de reforço das matérias aprendidas na escola. Ao final de cada trimestre, vai buscar os boletins dos quatro. Analisa as notas, avisa em que disciplinas devem melhorar e ajuda a tirar as dúvidas dos conteúdos em casa. O pai da família, que na época do colégio tinha que caminhar quatro quilômetros debaixo de chuva ou sol, mostra aos pequenos que é preciso fazer um sacrifício para obterem bons resultados. Mas que vale a pena se esforçar, pois um dia vem a recompensa.

Prova disso foi a conquista da vaga dos filhos no curso de Medicina da UFSM e das duas moças no curso de Odontologia na mesma universidade, anos mais tarde. Durante o período do vestibular, ele e a esposa dialogam com os filhos. Mostram que agora é a hora deles decidirem os seus futuros.

- É preciso levar a sério, se destacar. Porque, hoje, as vagas são mais concorridas e limitadas!

Abdel, com as experiências que a vida lhe proporcionou ao longo dos anos, tenta passar uma boa mensagem aos filhos. De que vale a pena o sacrifício e que é preciso dar o melhor de si para alcançar as conquistas. O palestino de Shuqba sente muito por não ter conseguido concluir nenhum curso de graduação que iniciou. Mas, acomoda-se com a família em Santa Maria com o olhar no futuro dos filhos. Na mente dele, paira a ideia de que, pelo menos, “o desastre que eu tive nos meus estudos, sem conseguir finalizar nem um curso, pelo menos vou compensar isso nos meus filhos”.

O lugar em que nasceu, ficou mais de quatro décadas sem vê-lo e nem poder pisar nele, desde que o deixou em 1967. São 43 anos de nostalgia, de saudades da pátria, dos parentes. A possibilidade de a gente voltar para a nossa aldeia em que a gente nasceu, isso foi a grande motivação, pois a gente achava que nunca mais poderia pisar naquelas terras. Mas colocou os pés em solo palestino com a cidadania brasileira, protagonizando um turista.

Em 2007, o reencontro com a nação de origem acontece. Abdel visita a aldeia em que brincava de bolita na aurora de sua vida. Assim que fica cara à cara com os seus amigos de infância e os filhos de seus primos, percebe a velocidade do tempo. Alguns primos, que possuía apenas a imagem deles moços, agora mira em suas cabeças cabelos grisalhos, pele com início de rugas. Não os reconhece mais.

Agora, o único contato que tem com a Palestina ocorre na cidade mais populosa do Brasil. Nos períodos em que a loja Modbel está precisando de roupas, Abdel pega voo para São Paulo. Uma vez por mês, sente o sabor do tempero árabe na sua boca. Na hora do almoço, sai à procura de um restaurante árabe para comer as folhas de parreiras e berinjelas recheadas como as que sua mãe fazia. Depois, aproveita para se abastecer de pão sírio, o combustível das refeições árabes.

Em seguida, após escolher as roupas que irão ocupar as prateleiras e vestir os manequins da loja, passa numa confeitaria árabe. Ali, tem o encontro marcado com um doce pelo qual é apaixonado. Aponta o dedo para o balcão em que há uma montanha de *Knafe Nabulsieh*⁵⁸ fresquinhos, esperando para serem vendidos. Pede para a atendente meio quilo de *Knafe* para levar pra casa. O doce, que leva farinha, semolina grossa, manteiga ou gordura vegetal, açúcar e água de rosas na receita, traz à boca de Abdel o sabor da infância na Palestina. É recheado com um queijo parecido com o queijo minas, que quebra o gosto do açúcar e dá um sabor maravilhoso. É o melhor doce do Oriente Médio. É o que eu mais gosto!

Os palestinos têm uma alimentação rica em alimentos naturais, que passa longe dos produtos industrializados. Também não colocam na boca uma gota de álcool, porque a religião proíbe. Muçulmano não pode beber, é um pecado. Na Palestina, a sociedade olha com temor as pessoas que fazem o contrário. Acredita-se que a bebida alcoólica faz o homem perder a cabeça e o controle dos seus sentimentos. A religião pregou na sociedade o ato de beber como pecado, por isso, ficar longe da bebida é um hábito, uma regra para os palestinos. Mas eu bebo socialmente desde que eu saí de lá.

O menino que chamava os tios para jantarem na sua casa no mês do Ramadã, hoje, é um homem sem religião. Sem Deus. Ateu. Agora, não segue mais cada palavra escrita no Alcorão, como fazia na mocidade. Acredito que cada um tem a sua fé. Ninguém se mete na fé de ninguém. O que está acima de qualquer crença religiosa para ele é a moral da religião, ser um pai e homem exemplar para os seus filhos.

Abdel disca o número do telefone dos primogênitos todos os dias. Questiona se estão bem, pergunta o que estão precisando. Quero ver o meu neto todos os dias. Um dos ensinamentos do islamismo, é dedicar-se de corpo e alma para aqueles que

⁵⁸ Doce árabe.

possuem o mesmo sangue que o seu. Eu tenho obrigação com as minhas filhas, com os meus irmãos onde eles estiverem. Isso são ensinamentos da religião.

Os filhos tem a obrigação moral de cuidar dos pais quando eles envelhecem. Por isso, as famílias árabes são muito unidas, os pais fazem de tudo pelos seus descendentes, lhes dão estudo, lhes ajudam, pois sabem que vão poder contar com o apoio deles assim que precisarem. Conforme a tradição muçulmana, mesmo depois de casados, os filhos continuam a receberem ajuda dos pais. O afeto que se tem na fase em que os primogênitos ainda são indefesos vai percorrer até os últimos momentos em que os pais estiverem presente em suas vidas.

Distante mais de vinte anos da época em que vivia na Palestina, para Abdel, o Brasil é a sua nova pátria. Meus filhos se sentem muito pouco árabes, palestinos, sentem-se 90% como cidadãos brasileiros. Mas, embora sinta-se quase um cidadão brasileiro, o coração ainda pertence à Palestina. Não só por causa da nostalgia que sente do passado, mas pela luta que continua a fazer pela causa do país de origem que, hoje, foi apagado do mapa mundial. Não existe mais Palestina, como Estado, como Nação, como identidade. Foi rasgada do mapa. Mas vocês não sabem disso. Porque a mídia não mostra. Ela mostra o conflito, mas não mostra de onde vem o conflito.

O Estado de Israel começou a existir em 1948. Mas começou a existir em que lugar? Na Amazônia? Em Marte? Na Lua? Em cima de um outro país. Foram 520 aldeias, dois terços das cidades pequenas palestinas foram demolidas com escavadeiras pra dar lugar ao estado de Israel. Os próprios judeus sabem disso.

Na loja Modbel, o proprietário e a esposa conversam antes de encerrar o expediente de trabalho. Abdel teve um dia de muitas leituras, pesquisas e ligações, na medida em que Fátima mostrava os casacos de lã, que são lançamento, para as mulheres que apareciam no local. A funcionária se despede do casal e os dois passam a chave na porta.

A vivência do palestino, os fatos que presenciou e a forma como a sua vida e a dos familiares foram afetadas pela guerra entre Israel e Palestina, levaram-no a ser um cidadão com olhar crítico sobre o mundo. Um homem que não se consola com a injustiça da sua pátria. Somos doze milhões de palestinos no total. Seis milhões vivem em Israel, e os outros seis vivem no exílio. Eu sou um destes.

5. ANÁLISE DO PROJETO EXPERIMENTAL

Desde o princípio deste trabalho, o intuito era escrever perfis-reportagens, uma vez que esse gênero literário possui características capazes de valorizar o tema escolhido: a vida de imigrantes refugiados que vivem em Santa Maria. Os elementos que compõem a escrita de perfis, entendidos aqui como biografias de curta duração, contribuíram para enriquecer a forma de contar a história de vida dos dois personagens.

Foi pensando da mesma forma que o autor Sergio Vilas Boas, que decidimos escrever biografias de curta duração no estilo jornalismo literário, pois conforme ele afirma “Os leitores sempre encontrarão tempo para narrativas que identificam seus destinos com o destino de outras pessoas, como quando dizem ‘puts, isso pode acontecer comigo’” (VILAS-BOAS, 2002, p. 12)

Grande parte da influência na escolha do formato perfil veio através da leitura do livro *Perfis e como escrevê-los* (VILAS-BOAS, 2002). Na obra, além de mostrar as várias definições para o conceito de perfil, Sergio Vilas Boas aponta o diferencial, a ausência de textos desse tipo no jornalismo diário da atualidade. Como o próprio autor fala, diariamente não se vê uma reportagem com um caráter capaz de gerar empatia.

O fato de os perfis cumprirem esse papel importante de causar empatias, leva o escritor a pensar na melhor forma de exprimir o que ele percebeu, sentiu da outra pessoa, de quem ele está escrevendo. Na definição de Vilas Boas sobre o papel do perfil, de gerar empatias, o autor acredita que

[...] é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor. Acredito que a empatia também facilita o autoconhecimento (de quem escreve e de quem lê)” (VILAS-BOAS, 2002, p. 14).

Dessa forma, pode-se dizer que o perfil é o lado da humanização da reportagem, já que visa emocionar e elucidar de modo racional, a fim de transmitir um retrato completo dos temas que aborda.

Se os textos tivessem sido escritos com uma linguagem informativa, como aquela encontrada no jornalismo cotidiano, com certeza não teria sido possível detalhar, provocar sensações, aproximar o leitor e humanizar o relato dos indivíduos

abordados. O formato biografia de curta duração se mostrou o mais adequado para a proposta do trabalho, já que se pretendia resgatar o passado, trazer à tona o motivo que os trouxe para Santa Maria, abordar as diferenças culturais, os acontecimentos marcantes da vida de cada um deles. Dentro do período previsto para a realização do projeto experimental, o perfil foi o que mais se ajustou ao prazo estimado e aos objetivos pretendidos.

A liberdade no momento da escrita, que o estilo literário possibilita, sem ter que seguir um padrão já estabelecido, contribui para dar vazão à criatividade, o que deixou os textos mais atraentes. O modo como contar a história não ficou preso à um padrão, nasceu de forma espontânea, após a observação realizada e dos relatos coletados ao longo do período que antecedeu a escrita. Assim, o texto foi elaborado não de forma cronológica, para evitar a monotonia. A fim de gerar curiosidade nos leitores, optou-se por escrever a partir do momento presente da vida de cada um dos perfilados, e voltar ao passado, mesclando os dois períodos temporais, como se percebe no parágrafo abaixo extraído da reportagem de Rocio:

“O dedos que enxáguam os cabelos no lavatório, são os mesmos que secaram as lágrimas de seu rosto, no Concurso Nacional de Salsa da Colômbia, em 1984. Desde pequena, sempre cultivou o amor pelas danças de seu país. Fez parte de grupos de danças folclórica e de Salsa. Naquele ano, juntara todos os esforços para realizar seu maior sonho. Rocio e Edwin Morales, seu par de dança, estão decididos a entrarem na disputa pelo troféu de melhores dançarinos de Salsa da Colômbia. Dedicam horas, dias e mais dias de encontros para aprimorarem os passos. Não se cansam de repetir os movimentos durante semanas a fio”.

A forma de narrar a história de cada um deles teve inspiração na obra Memórias póstumas de Brás Cubas, do autor Machado de Assis, na qual ele conta a história de um personagem a partir da sua morte. Ou seja ele conta a história de trás para frente, fazendo o caminho inverso do cronológico. Os aspectos definidos por Edvaldo Pereira Lima, a descrição, a construção cena a cena, a troca de foco narrativo e a presença de diálogos, são elementos que constroem o imaginário do leitor e conseguem fazer com que ele se aproxime da história, faz com que ele vivencie as situações dos personagens e tenha empatia, assim como quem o escreveu.

A escolha pela linguagem literária ocorreu também, porque no jornalismo diário, é possível observar como a vida desses sujeitos que deixam seu país de origem é relatada de forma extremamente superficial. Os imigrantes são generalizados, vistos como uma massa homogênea de seres humanos que invadem os outros países. Por isso, tinha-se a preocupação de adentrar na vida de Rocio e de Abdel, para conhecer

a pessoa que está por trás da imagem de imigrantes como são normalmente vistos. Conhecê-los, escutá-los para poder tirar uma conclusão mais real e humanista sobre eles.

Escolher contar a história de vida de imigrantes refugiados aconteceu devido às maiores dificuldades enfrentadas por eles, se comparados aos indivíduos que migram de um lugar para outro por livre e espontânea vontade. O preconceito, o medo, a diferença cultural, as ameaças, os hábitos, o idioma, a adaptação, somados ao fato de serem praticamente expulsos de sua pátria foram aspectos que influenciaram na eleição do tema. Ambos viviam em países que sofriam a insegurança com conflitos político-armados que ameaçavam suas vidas e tiravam sua paz. Passaram por situações de risco, viveram longe das pessoas que mais amam, tentaram trilhar um novo caminho em lugares onde nunca antes haviam pisado.

Também foi possível mostrar através do Jornalismo Literário que, apesar de quase terem a vida abreviada por várias vezes, e serem desafiados pelo destino, tanto Abdel como Rocio conseguiram se sobressair diante dos obstáculos. O palestino que saiu de um ambiente de condições de vida precárias e viveu o terror das disputas territoriais de Israel com a Palestina, hoje, é um homem bem sucedido, politizado, com opinião formada e pai de família. Do mesmo modo que ele, a colombiana também não veio de um berço de ouro, viveu sob ameaças de morte e teve que lidar com dificuldades de adaptação, além de viver afastada daqueles que eram do mesmo sangue. Ainda assim, Rocio também conseguiu se sobressair na vida através da força de vontade e do trabalho.

Durante a construção do trabalho, foi possível notar as diferenças culturais entre eles e os brasileiros, o modo de falar, de se comportar, como eram os hábitos alimentares, a educação, os costumes entre outros aspectos peculiares que cada um mostrou. No trecho abaixo, retirado do perfil reportagem de Abdel é possível notar isso:

“O ambiente em que fazem o lanche e jogam palavras fora é sempre repleto de idiomas distintos que se cruzam. Em cada canto do bar há um grupo de cada país. Num lado os franceses, do outro os alemães, mais à frente os italianos, o grupo dos paquistaneses, depois os iranianos, e o grupo dos palestinos. Abdel observa o seu entorno, mira os colegas discutirem sobre a aula. Fica com os olhos arregalados e perplexo ao ver homens e mulheres conversando no mesmo grupo. Alguns trocando olhares e carinho. Para ele, aquilo é totalmente proibido, pois jamais tivera contato com alguma menina ou moça no colégio. Na Palestina, indivíduos de ambos os sexos estudavam separados. Um colégio só de meninas e outro só de meninos.”

Para conseguir extrair o máximo de detalhes e relatos espontâneos, buscou-se utilizar a metodologia História Oral. Aproximar-se do entrevistado com perguntas mais humanizadas, iniciando uma conversa que se assemelhe ao diálogo, para que ele se sinta mais à vontade na hora de contar o que viveu. Só assim, distanciando-se da entrevista formal, do formato pingue-pongue, é que se consegue ouvir do entrevistado as suas lembranças, seus comentários, a memória de fatos e impressões sobre os acontecimentos que fizeram parte da sua história.

Como sugere o autor José Carlos Sebe Bom Meihy (1996) “Ver, olhar nos olhos, ouvir, escutar as palavras, sentir a presença da pessoa, os odores dos lugares são condições que nada supera. As máquinas registram as vozes e as imagens. As emoções são captadas pelos nossos sentidos” (1996, p.33). Nesse sentido é que se percebe a importância da observação no momento da entrevista. Para poder descrever os personagens, os seus locais de trabalho, reconstruir o seu passado de acordo com o seu relato, foi necessário observar cada detalhe, questionar de modo informal, colocar-se no lugar de cada um deles nas diversas situações relatadas.

Desse modo, é possível dizer que, a essência da metodologia adotada na construção desse trabalho foram as entrevistas diálogo. O que se pretendeu fazer aqui, foi contar uma versão dos fatos, selecionar acontecimentos e lembranças que marcaram a vida dos dois imigrantes. O intuito foi mostrar quem é a pessoa que existe por trás da imagem de imigrante que Rocio e Abdel carregam, quais são as singularidades de cada um, a trajetória que percorreram e o que os tornou imigrantes. Assim, como teve a interpretação e a narração da autora desse trabalho sobre os relatos, conforme José Carlos Sebe Bom Meihy, acredita-se que:

Toda narrativa é sempre e inevitavelmente construção, elaboração, seleção de fatos e impressões. Portanto, como discurso em eterna elaboração, a narrativa para a história oral é uma versão dos fatos e não os fatos em si. A história oral se apresenta como forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida – quanto mais elas contarem a seu modo, mais eficiente será seu depoimento (MEIHY, 1996, p. 56-57).

No entanto, como já era esperado, houveram algumas dificuldades na realização das entrevistas. A diferença cultural, no caso do palestino, diminuiu a aproximação entre entrevistado e entrevistador, pois ao vê-lo e tentar cumprimenta-lo com um abraço e um beijo no rosto, por exemplo, ele já se afastava um pouco e estendia a mão. Por isso, as conversas iniciais com Abdel, exigiram mais cuidado,

pensar em expressões corporais adequadas para ele se sentir confortável para falar, além de demonstrar interesse e questioná-lo após as explicações.

O palestino também comentava os acontecimentos importantes de sua vida de modo superficial, pois acreditava que aquilo não interessava aos outros, a autora deste trabalho. Por esse motivo, foi necessário indaga-lo de forma mais adequada, ressaltar a importância dos detalhes para depois poder fazer um texto mais rico. O local das entrevistas era sempre na parte de trás da loja de roupas da qual é proprietário, onde trabalha no computador, realizando pesquisas, enquanto a esposa e a funcionária atendem os clientes. Com frequência Abdel tinha que atender o telefone, ou a voz das clientes atrapalhavam o nosso diálogo, pois se perdia o raciocínio da conversa.

Mas, após o primeiro contato, Abdel passou a se abrir mais nas entrevistas, falava sem pausa, muitas vezes queria me explicar conceitos e podia se ver nos olhos dele, nos gestos, que ele reviveu todos aqueles momentos. Isso, sem dúvida, foi enriquecedor para mim e para o trabalho, pois pude me aproximar do seu passado, tentar sentir a mesma emoção, o sofrimento, o orgulho, as decepções, o que acabou facilitando na hora da escrita. Ao me colocar no lugar dele enquanto o escutava, fez com que as palavras e o modo de escrever o texto prezassem pelo envolvimento do leitor.

Já com relação à Rocio, também houveram dificuldades, mas o contato inicial foi mais afetivo, pois ela me chamou de “amiguinha”, deu um abraço e um beijo, sem nunca ter me visto. Logo de início, a colombiana me surpreendeu ao começar a falar justamente do ponto mais delicado da sua história, de quando o esposo e o amigo encontraram o corpo de um motorista morto, na beira da estrada, e a partir daí, passaram a receber ameaças e serem perseguidos. Talvez, a abertura de diálogo e no tratamento com um desconhecido se deva à própria cultura latino-americana, que se difere da cultura árabe, na qual o contato físico praticamente inexistente.

Na primeira vez que conversamos, ao contar sobre a perseguição e as ameaças, Rocio demonstrava aflição, medo. Passava as mãos nos braços e falava quase sussurrando, enquanto revivia os momentos dramáticos, o que deixou evidente o trauma que carrega até hoje. Porém, nas entrevistas seguintes, a colombiana se entregava a tal ponto que parecia que nos conhecíamos há anos. Dava risadas, gesticulava com as mãos, levantava-se da cadeira para me mostrar como se dançava, como cozinha e para imitar os comportamentos que tinha quando era jovem.

Porém, devido ao trabalho da colombiana, o tempo disponível para as entrevistas eram bastante escassos, e todas elas tiveram de ser realizadas no próprio salão de beleza onde trabalha, dentro da sua salinha de tratamento capilar. Mas esses fatores não impediram de conhecer a história de vida de Rocio e de se emocionar, rir, e se encantar com ela. Ter a oportunidade de saber como é a cultura da Colômbia, colocar-se no lugar dela e da família quando foram perseguidos e fugiram do país e sentir as sensações que Rocio sentiu, o medo, a insegurança, a saudades da família, isso tudo foi um enorme aprendizado. Serve de reflexão para todas as pessoas que possuem condições de vida estáveis, que tem conforto, uma família unida e que às vezes se queixam da vida.

Escrever perfis-reportagens é uma das consequências e dádivas da profissão de repórter, uma vez que se conhecem pessoas com vivências interessantes que cruzam o nosso caminho e temos a oportunidade de relatar a sua história aos leitores que estão a uma distância física delas. Portanto, cabe ao jornalista observar, tentar descrever detalhadamente o que viu, sentiu e escutou, para transmitir ao leitor uma compreensão mais aprofundada sobre os personagens.

Contudo, ambas as histórias servem de inspiração, pois mostram como é possível superar os obstáculos que cruzam o nosso caminho e conquistar um lugar ao sol quando se tem força de vontade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizado o trabalho, pode-se perceber que, a escolha do estilo Jornalismo Literário contribuiu para valorizar as características dos personagens retratados e para tornar mais real os fatos que marcaram as suas vidas. Se as duas reportagens tivessem sido escritas no estilo convencional, seguindo o padrão já estabelecido pelos jornais, iniciando com um lead, por exemplo, sem dúvida iriam ser apenas a reprodução de textos divulgados pela mídia sobre o assunto em questão.

Assim, nota-se o diferencial trazido pelo estilo literário aos dois textos, uma vez que se pôde ousar na criatividade, na narração das histórias, na medida em que se buscou aproximar o leitor para perto daquela realidade retratada. Sem os aspectos literários presente nos perfis jornalísticos aqui criados, dificilmente teria sido possível gerar empatia com a mesma intensidade. Também não seriam contadas duas histórias de vida, pelo contrário, teriam sido repassadas algumas informações à respeito de dois indivíduos que migraram de seus países de origem, sem se colocar na pele de Rocio e Abdel.

O formato elencado para escrever as reportagens, as biografias de curta duração, permitiu explanar sobre a vida no país de origem e sobre a trajetória que os levou até o Brasil. Criou condições para se deter mais nos momentos cruciais vividos por eles, lembrados com nostalgia, medo, saudades e até mesmo com tristeza pelos dois imigrantes. Além disso, também colaborou para limitar a escolha dos fatos e influenciou na maneira de como conta-los, visto que não se pretendia escrever uma biografia completa e, tampouco, uma notícia.

Em síntese, para construir os textos foi necessário conquistar a confiança e criar um diálogo mais informal, para que os dois entrevistados se sentissem à vontade o suficiente para relatar detalhes de suas vidas. O resultado dessa experiência foi uma geração de empatia, trocas de conhecimento sobre as culturas, saber como enxergam a vida, quais são os princípios mais valiosos para cada um, de acordo com a sua criação e vivência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOTECA ENTRELIVROS. São Paulo: Editora Duetto, Ed. nº 11, ago.2008. 98 p.
BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em Convergência.** São Paulo: Editora Ática, 2007.

CAPOTE, Truman. **A Sangue Frio.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa.** São Paulo: ATICA, 1993.

CHILLÓN, Albert. **Literatura y Periodismo, uma tradición de relaciones promiscuas.** Valência: Servei de Publicacions, 1999.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem.** São Paulo: Editora Ática, 1995.

LIMA, Alceu Amoroso. **Jornalismo como gênero literário.** São Paulo: EDUSP, 1990.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário para iniciantes.** São Paulo: EDUSP, 2014.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** 4ª.ed. São Paulo: Manole, 2009.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** 5ª edição revista e ampliada: fevereiro de 2005. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1996.

LAGE, Nilson. **A reportagem – Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística.** São Paulo: Record, 2003.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário.** 2.ed.São Paulo: Editora Contexto, 2011.

SODRÉ, Muniz e FERRARI Maria Helena. **Técnica de Reportagem.** São Paulo: Editora Summus, 1986.

TALESE, Gay. **Fama e Anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Editora Summus, 2003.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

